



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ALANA SOUZA LUZ

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

BRASÍLIA – DF
2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ALANA SOUZA LUZ

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da professora Doutora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira Rodrigues, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dr^a Teresa Cristina Siqueira Cerqueira

BRASÍLIA - DF
2013

Luz, Alana Souza.

Afetividade na Educação Infantil / Alana Souza Luz. – Brasília, 2013.

Trabalho Final de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2013.

Orientadora: Doutora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

ALANA SOUZA LUZ

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da professora Doutora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Comissão examinadora

Professora Doutora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira
Orientadora

Fátima Lucília Vidal Rodrigues
Membro titular – Universidade de Brasília

Vera Aparecida de Lucas Freitas
Membro titular – Universidade de Brasília

Paulo Sérgio de Andrade Bareicha
Membro Suplente – Universidade de Brasília

Dedico esse trabalho primeiro aos meus pais, Roberto e Iza, meus maiores exemplos de amor, também a minha filha, Maria Clara que é o meu maior bem. Dedico também a minha irmã, Isabelle Luz e ao meu companheiro de jornada Luiz Augusto. Agradeço a todos pelo apoio e amor a mim dispensados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por minha vida, por minhas condições e por todas as oportunidades que tive.

Aos meus pais: Iza e Roberto que tanto me ensinaram que tanto me cuidaram e amaram incondicionalmente. Que me apoiaram e me ajudaram em tantos momentos importantes e difíceis que atravessei em minha trajetória até aqui. Agradeço por todo o carinho, por todo o amor, por toda a educação, por todo o esforço em me fazer uma pessoa de bem e consciente; agradeço verdadeiramente por todos os esforços dispensados.

A minha irmã Isabelle que desde sempre se mostrou uma companheira e tanto, tão presente na minha vida, que me ajudou tanto na minha vida pessoal como na minha vida acadêmica, sendo uma verdadeira amiga em todos os momentos.

A minha filha Maria Clara tão querida e amada que me trouxe tantos ensinamentos sobre o amor, sobre responsabilidade, sobre o ser mãe. Ao meu companheiro e amigo de tantos anos que sempre esteve ao meu lado nos melhores e piores momentos, que foi por vezes meu porto seguro, meu apoio, meu melhor amigo e meu eterno namorado: Luiz Augusto.

Agradeço a Doutrina Espírita por tanto me consolar e me orientar no percurso tão rico e surpreendente que é a vida, por me ensinar a aproveitar cada oportunidade para melhorar e para ajudar a todos os que estiverem a minha volta, sempre zelando pelo bem e pela paz.

A minha orientadora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira por tanta paciência e suavidade ao ensinar-me, ao advertir-me e ajudar-me. Agradeço por ter aceitado me orientar em um trabalho tão importante e que marca o fim e o começo de etapas que lembrarei pelo resto da vida.

Não poderia deixar de falar das minhas amigas universitárias Mikaele e Andressa, com quem identifiquei-me de maneira especial, o que facilitou a discussão e reflexão de tantos conteúdos, tantas matérias, tiramos e criamos dúvidas, solucionamos problemas juntas e que tanto ajudaram-me na produção deste trabalho.

Enfim, a todos os que acrescentam na minha vida a cada dia! Compartilhando experiências, ensinando-me, aqui fica eternizado um MUITO OBRIGADA!

“O medo e a ira de um cão são mais fortes e expressivos que a ira de um ser humano selvagem; esses mesmos sentimentos são mais impulsivos em um selvagem que em uma criança; e, na criança, são mais fortes que no adulto.”

(Vygotsky)

RESUMO

O presente trabalho oferece uma reflexão acerca da Educação Infantil, sua história e sobre a prática docente comprometida com as dimensões que envolvem os sentimentos, emoções e afetividade atreladas ao desenvolvimento cognitivo de crianças pequenas. Desta forma, conhecer a trajetória da Educação Infantil no Brasil bem como suas implicações no conceito de infância é de fundamental importância. A partir daí a afetividade entra em xeque como um elemento essencial da prática docente para o estímulo e favorecimento do prazer ao aprender e segurança oferecida ao aluno para que se desenvolva. Os aspectos apresentados neste trabalho são visto a partir de uma perspectiva histórica cultural. A pesquisa aqui adotada é de ordem qualitativa e pretende mostrar a visão do docente sobre sua atuação como também a visão da criança em relação a essa mesma atuação. O instrumento utilizado foi um questionário com sete questões abertas. Utilizou-se também observação em sala de aula e a estratégia de contação de histórias para as crianças. Os participantes foram duas professoras que atuam na Educação Infantil e dezenove crianças de uma turma de Educação Infantil, de um colégio particular situado na Asa Norte/ Brasília – DF. Os resultados da pesquisa apontam que a afetividade se encontra vinculada ao processo de ensino - aprendizagem, influenciando o gostar e a motivação da criança. Conclui-se, portanto, que a afetividade é imprescindível na melhoria da educação e do desenvolvimento integral da criança.

Palavras-chave: Educação Infantil. Afetividade. Histórico – cultural.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
PARTE I – MEMORIAL	10
PARTE II – MONOGRAFIA	16
INTRODUÇÃO	17
Capítulo 1. EDUCAÇÃO INFANTIL	19
Capítulo 2. AFETIVIDADE – EMOÇÕES E SENTIMENTOS	29
2.1 Afetividade na Educação Infantil	33
Capítulo 3. METODOLOGIA	39
3.1 Caracterização da pesquisa: abordagem e instrumentos.....	39
3.2 Contexto da Escola	41
3.3.A realidade do alunos	44
3.3 Oficina de Contação de História.....	45
Capítulo 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	46
4.1 Questionário	46
4.2 Observação Comparativa da Prática Docente	52
4.3 Oficina de Contação de História.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	63
REFERÊNCIAS	65
ANEXO	68

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso está estruturado em três partes: memorial, monografia e perspectiva profissional.

A primeira parte é composta pelo memorial que traz várias memórias da minha história com a educação formal e informal. Trago as experiências juntamente com as sensações que tive a cada espaço destinado exclusivamente a educação em que me encontrei.

A segunda parte do trabalho está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo, “Educação Infantil”, aborda um pouco sobre a história da infância e das instituições de Educação Infantil, trazendo quais as peculiaridades específicas desta fase conquanto também implicam em uma prática docente que envolve várias dimensões como a do ensinar e a do cuidado . O segundo capítulo “Afetividade na Educação Infantil”, expõe sobre como a afetividade é desenvolvida em um contexto histórico cultural e mediada por meio de símbolos adotados pela cultura vigente; concomitantemente, também traz o desenvolvimento dos sentimentos e emoções dentro do espaço escolar e quais são suas implicações para a aprendizagem da criança e da relação com o meio, pessoas e conteúdo.

O terceiro capítulo trata da metodologia adotada para a realização da pesquisa de forma a alcançar os objetivos, bem como os instrumentos utilizados e a caracterização do contexto e dos sujeitos em que ela se deu. O quarto capítulo “Análises dos Resultados” procura estabelecer ligações entre o resultado da pesquisa, que foram: comparação de dois questionários abertos, observação comparativa e oficina de contação de história e a base teórica apresentada nos dois primeiros capítulos de forma que explique ou se questione os resultados obtidos. No quinto capítulo são feitas considerações que deverão concluir a pesquisa relacionada à teoria e apresentar explicações sobre a pesquisa ter ou não alcançado os objetivos iniciais.

A terceira parte é destinada às minhas perspectivas profissionais, onde apresento quais são meus anseios tendo agora a formação como pedagoga e qual será a direção que seguirei em minha vida profissional.

PARTE I
MEMORIAL

MEMORIAL EDUCATIVO

Em se falando de memórias é difícil escolher o que foi mais importante dentre todas as experiências que já vivi, porém há pessoas que me proporcionaram e que viveram junto a mim tais experiências e que é impossível deixar de mencionar: meus pais, pois foi dentro da instituição familiar que tive o primeiro contato com a educação em seus diversos aspectos: afetivo, cognitivo, religioso entre outros tantos. Agradeço a Deus por ter me enviado a pais atenciosos e tão preocupados com a minha formação em seu aspecto mais amplo.

Das instituições escolares, a minha primeira experiência foi em um colégio de Educação Infantil situado em Planaltina-DF, que pouco me lembro, tinha por volta dos três (3) anos e ingressei na escola junto com meu irmão de criação para que me sentisse mais a vontade, apesar de ele ficar em outra turma por ser mais velho. Porém, por causa da insegurança, creio eu, de deixar minha casa, me desesperava muito e me sentia muito mal por estar em um meio estranho que não fosse minha casa e de passar as tardes com crianças e uma professora que até então me eram desconhecidas. Esse fato levou minha mãe a ficar preocupada com o meu bem-estar, já que eu tinha que ser praticamente arrastada para dentro do transporte escolar todos os dias aos berros; sem conseguir me adaptar nem à escola, nem ao fato de ir de transporte escolar, acabei saindo do colégio, exatamente seis meses depois de ingressar.

A próxima etapa foi quando eu já tinha meus seis anos e fui matriculada na rede pública de ensino ainda da Região Administrativa de Planaltina- DF. Lembro-me bem do primeiro dia de aula, muitas pessoas, quase todas perdidas, procurando informações. Quem estava me acompanhando era o meu pai, que logo se informou e acabou por me deixar em uma sala de pré-alfabetização. Um pouco depois que a aula começou a professora me levou a outra sala, onde fiquei apavorada, pois a professora de lá escrevia palavras de duas sílabas no quadro e pedia que a turma lesse, todos obedeciam e ela os parabenizava; o motivo do meu apavoramento é simples: eu não tinha nem ideia do que estava escrito, e hoje entendo que fui colocada em uma sala de alfabetização – creio eu - que tenha sido por causa da minha idade na época. Com o passar do tempo sentia-me cada vez mais adaptada, mesmo que ainda chorando várias vezes por semana. O fator determinante para que eu conseguisse evoluir na alfabetização e na adaptação, sem dúvidas, foi a paciência, o afeto e a disposição da minha professora, de quem até hoje recordo-me bem de sua face e até do seu nome com muita estima e gratidão: Professora Zaida.

Quando já tínhamos esse vínculo afetivo construído, foi bem mais fácil para que meu desenvolvimento cognitivo evoluísse, e a partir daí não apresentei maiores dificuldades em relação ao conteúdo, sempre sendo uma aluna de muito empenho.

Quando fui para a 4^o série mudei de escola e comecei a frequentar um colégio particular não muito grande. Minha professora era carinhosa e dava valor às minhas qualidades, apesar de sempre ter sido uma criança tímida, mais retraída, que não chamava muita atenção. Cursei até a metade do 1^o ano do Ensino Médio nessa escola e digo que foi um período de aprendizagem muito satisfatório. O ambiente do colégio era acolhedor e calmo; tínhamos espaço como estudantes para nos expressarmos e também um ótimo relacionamento com professores, secretárias e com o próprio diretor. A característica mais marcante do colégio com certeza foi o fato de sermos muito bem tratados e de sermos conhecidos e conhecermos todos com quem convivíamos todas as manhãs, dando-me uma segurança maior em relação ao espaço destinado ao desenvolvimento de minhas aptidões.

No meio do ano de 2007 mudei de cidade, passando a residir em Sobradinho- DF. Com a mudança de cidade, veio também a mudança de colégio, porém permanecendo na rede particular. Considero esse período marcado por bastantes mudanças e muitos transtornos. O colégio era bem maior do que o anterior o que me dava a sensação de estar num meio em que ninguém me conhecia e onde eu não conhecia ninguém, a relação de intimidade e tranquilidade que eu tinha no espaço educativo anterior, e que eu esperava encontrar também naquele novo espaço, não aconteceu. Com isso, meu desempenho escolar decresceu em alguns momentos, voltando a ficar na média dos anteriores somente quando eu me conformei – e não me acostumei- com a nova situação. Digo que foi um momento de muitos transtornos pelo fato de ter ficado grávida nessa época, o que acabou trazendo-me várias dificuldades, mas tinha como um propósito já decidido o de não abandonar a escola, continuar sempre com o meus estudos, mesmo com todos os obstáculos que minha nova condição trazia, e assim se deu. Consegui levar meu estudos adiante sem interrompê-los em momento algum, a não ser por duas semanas para ter em meus braços o presente que Deus mandou, minha filha!

No último ano da educação básica, ingressei em um cursinho preparatório para o vestibular, sem ainda saber qual vaga de qual curso iria pleitear. Apesar de já estar na fase decisiva e ter que fazer uma escolha, não me sentia nem um pouco preparada para isso; daí surgiram dúvidas e mais dúvidas, indecisões, inseguranças e muitos outros sentimentos tão comuns em jovens ainda imaturos para fazerem uma escolha tão complexa.

Comecei a frequentar palestras sobre o tema, oficinas de profissões, feiras de profissões, etc., mas, mesmo com tudo isso e com o apoio que recebia da minha família ainda

sentia muita dificuldade em ter a certeza de que estava fazendo a coisa certa. No meio do ano resolvi prestar vestibular para ciência política, e realmente não sei por que escolhi esse curso, não fui aprovada e hoje agradeço por isso. Do meio do ano para o fim, resolvi, depois de muitas pesquisas sobre a área, prestar vestibular para pedagogia.

Não estava muito confiante em passar e, até então, não fazia parte dos meus futuros objetivos cursar uma universidade, queria mesmo era fazer um cursinho para concurso e ser servidora pública. Mas como uma surpresa e tanto, fui aprovada! Meus pais e amigos ficaram muito felizes e entusiasmados com a notícia e isso me contagiou de tal forma, que não era mais uma opção não fazer o curso.

Então quando realmente parei para pensar, percebi que tinha feito uma escolha importante: cursar PEDAGOGIA, que importância excepcional tem esse profissional para a construção de um porvir de uma sociedade mais humana, mais justa, mais consciente. Acabei me sentindo extasiada e muito feliz com a escolha.

Assim que o semestre começou, logo a greve também se instaurou e o tempo de expectativa só aumentava, chegou até bem perto do sentimento de desânimo – porque não começava nunca- nesse meio tempo até cheguei a começar um curso preparatório para concurso.

Finalmente, quando iniciaram-se as aulas, me surpreendi com a fala de muitos estudantes calouros como eu, e com a de professores sobre o seguinte aspecto: não ficar triste por que passei para pedagogia, ficar feliz por que passei na UnB; e foi aí que eu conheci o lado mais desanimador da minha profissão, a desvalorização.

O curso era visto como sendo de fácil acesso, e as pessoas que nele ingressavam – como eu na época - não podiam se achar vitoriosas, pois não era considerada “muita coisa”. Fiquei muito triste por saber que muitas pessoas tinham tal pensamento, pois na minha visão eu era guerreira sim, vitoriosa sim, e tinha dado mais um passo importante na minha vida.

Apesar de todos os prós e contras, fui seguindo na minha caminhada e logo no primeiro semestre deparei com professores muito exigentes e de uma sabedoria muito vasta. Isso me impressionou e me estimulou a querer saber cada vez mais, a procurar, a questionar e principalmente a refletir.

A disciplina de projeto 1, foi muito marcante e agradeço muito a Professora Maria Zélia Borba Rocha - Doutora em Sociologia (USP/2007) , mestre em Sociologia (UnB/1993), especialista em Ciência Política (UnB/1998) e historiadora (UnB, 1986) - por sua perspicácia em nos inserir realmente na Universidade, nos apresentando a história da educação desde os jesuítas, passando pelo sistema das cátedras, pela parceria de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro

e chegando aos principais objetivos que a atual universidade deve procurar alcançar, zelando sempre por seu tripé: pesquisa, ensino e extensão. Esclareceu-nos sobre a divisão das faculdades, de seus departamentos e de como é a hierarquia e democracia dentro desses departamentos. Uma experiência de uma riqueza sem tamanho.

No segundo semestre, destaco a matéria de Educando com Necessidades Educacionais Especiais, ministrada pela Professora Fátima Lucília Vidal Rodrigues - Educadora Especial (UFSM) e psicopedagoga (UNIFRAN); mestre em Educação e Doutora em Educação pela UFRGS. Uma professora espetacular trazendo um conteúdo importantíssimo e até então desconhecido por mim, então pouco a pouco, com o carinho que a mestra Fátima exala, com o seu empenho, sua paciência e sua enorme sabedoria, fui aprendendo sobre a inclusão, sobre a importância de colocar esse assunto em xeque, aprendi sobre cada deficiência, suas peculiaridades e muitas outras coisas.

Fui descobrindo a universidade e ela foi me encantando cada vez mais, sempre com surpresas, mas com muito aprendizado, como por exemplo, a matéria de Educação Matemática 1, quem diria que a matemática pudesse ser tão sedutora, encantadora e interessante? Pois o Professor Cristiano Alberto Muniz - graduado em Bacharelado e Licenciatura em Matemática pela Universidade de Brasília (1982), mestrado em Educação pela Universidade de Brasília (1992) e doutorado em Sciences de l'Education - Université Paris Nord (1999) - diria, e muito mais do que isso, ele nos ensinou a ensinar a matemática na sua melhor forma, mais curiosa, mais divertida; e foi uma das descobertas que causou-me significativa felicidade: a matemática pode - e deve - ser prazerosa na hora de se ensinar e muito mais na hora de se aprender.

Paralelo a essas matérias, que são obrigatórias, muitas outras me fizeram ter um olhar diferente, vendo novas perspectivas, fazendo descobertas. Deram-me base, me orientaram sobre os mais diversos temas, e posso afirmar que todas me trouxeram algo de novo, algo de bom, algo de importante.

Os projetos, não se enganem, não foram as mil maravilhas: no começo me encontrava totalmente perdida, sem saber para onde ir, mas fui seguindo minha caminhada em busca do conhecimento e acabei deparando com o projeto 3 da Professora Vera Aparecida de Lucas Freitas - doutora em Lingüística pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003); mestre em Lingüística pela Universidade de Brasília (1996); e graduada em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (1971)- que nos ensinou tanto sobre a alfabetização/letramento e sociolingüística. Com ela fomos além da teoria, aplicando na prática os conhecimentos adquiridos na matéria de Língua Materna, saindo a campo e coletando textos escritos por

crianças no processo de alfabetização. Com todo o seu jeito peculiar de ser, e com muito carinho para conosco, nos explicou a origem de muitos erros ortográficos das amostras que coletamos, nos ensinando também como fazer dentro de sala para sanar a maioria deles.

Depois com a professora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira - doutorada em Educação na Área de Concentração em Psicologia Educacional pela Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP - São Paulo (1999). Psicóloga, Bacharel e Licenciada em Psicologia, mestrado em Psicologia na Área de Concentração em Psicologia Social e da Personalidade pela Universidade de Brasília- UnB; atualmente é professora adjunto da Universidade de Brasília. - que me apoiou, desde o projeto 4 fase 1, sempre a disposição, me orientando e se mostrando tão humana e tão sábia. E é com ela que decidi produzir meu trabalho de conclusão de curso, tendo como tema: A Afetividade na Educação Infantil, duas coisas que me encantam e também um tema bem presente no meu percurso educacional.

Percebo como a afetividade – ou a falta dela - pode influenciar no desenvolvimento cognitivo e intelectual, desde a minha primeira série, vejo como a afetividade deve estar presente nos espaços educativos, sendo demonstrada através do engajamento profissional, da paciência, da dedicação. Mesmo na universidade, onde esse, não é um tema muito presente, é possível perceber que professores mais afetivos e receptivos são mais procurados, como aprendemos com mais gosto com eles e como nos dedicamos com mais afinco às suas disciplinas, mesmo que não seja a matéria com que sonhamos; nos dedicamos a ela como se fosse a própria.

E a escolha por “..na Educação Infantil” se justifica pelo fato, de ser nessa área onde pretendo atuar, pois desde o meu projeto 4 fase 1, em que tive de sair a campo para um estágio obrigatório, e passei a conviver com a rotina de uma escola, com a rotina de uma sala de aula com crianças da mais tenra idade, tenho a convicção que é onde quero, onde pretendo e onde vou desenvolver meus futuros projetos profissionais.

PARTE II
MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Sempre fiz parte de um trabalho social, realizado em um bairro carente chamado Arapoanga na cidade de Planaltina/DF, onde desenvolvemos vários projetos, desde oficinas sobre higienização até práticas esportivas. As crianças que assistimos, são de origem muito pobre, algumas já até afastaram-se ou foram afastadas da escola, apesar de apresentarem uma idade entre seis e treze anos. O grupo do qual faço parte, tinha muita dificuldade de atrair as crianças para as atividades, já que elas não são obrigadas a estarem ali e muito menos a realizar qualquer atividade proposta. Depois de passarmos por várias experiências e até mesmo, grandes dificuldades, percebemos então que ao estabelecermos um laço afetivo e trabalharmos as atividades em um clima onde todos sentiam-se envolvidos afetivamente, era bem mais fácil atraí-los para a realização das atividades.

Relacionando meus sentimentos ao longo da minha trajetória educativa e acrescentando-os a essa descoberta, decidi no momento em que efetivamente comecei a trabalhar em um espaço educativo formal, dar atenção à questão da afetividade inserida no processo de ensino - aprendizagem, mais propriamente relacionado à Educação Infantil.

Nos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (BRASIL, 2006, p. 32) encontram-se facilmente considerações que embasam a relevância da afetividade atrelada no processo de educação formal:

As propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil promovem as práticas de cuidado e educação na perspectiva da integração dos aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivo/lingüísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível.

A pesquisa desenvolvida por este trabalho pretende exatamente perceber como o professor enxerga o aspecto afetivo dentro da prática educativa e como seu aluno também a percebe. O tema central do trabalho é: Afetividade na Educação Infantil e tem como principal objetivo analisar a afetividade na Educação Infantil, mais propriamente com crianças de cinco e seis anos, tanto na perspectiva do educador quanto na da criança.

Os objetivos específicos que norteiam o trabalho são:

-> Perceber como a afetividade pode ou não influenciar na aprendizagem

As questões que se pretende responder são:

- O educador reconhece realmente a importância da afetividade na Educação Infantil, bem como seus desdobramentos?
- A afetividade influencia a criança no seu modo de enxergar e gostar da escola, do conteúdo, ambiente e professor?

A primeira questão é destinada às professoras da Educação Infantil, e é atendida por meio das respostas de um questionário aberto e observação sobre a prática das duas docentes. A segunda foi respondida por meio de oficina de contação de história, em que as crianças apresentaram seus posicionamentos sobre o comportamento das professoras – um afetivo e outro não afetivo.

É interessante reler o que o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p.30) acrescenta ao assunto:

O professor é mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagens que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios e aos conteúdos referentes aos diferentes campos de conhecimento humano.

Este trabalho se justifica porque pretende reiterar as especificidades e necessidades de crianças da Educação Infantil e a promoção da integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança, dando destaque para a questão da afetividade e da influência que esta tem, principalmente, em crianças de cinco e seis anos; interferindo diretamente sobre o conteúdo trabalhado, ambiente e relação professor – aluno.

REFERENCIAL TEÓRICO

Capítulo 1.

EDUCAÇÃO INFANTIL

A expressão Educação Infantil começou a ser difundida recentemente no Brasil por consequência do seu uso na Constituição Federal (1988) e mais tardiamente, em 1996, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (KUHLMANN JR.,2010). É possível percebê-la, primeiramente, no artigo 208 da Constituição Federal como parte da obrigação do Estado: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: (...) IV-Educação Infantil, em creche e pré-escola, as crianças de até 5 (cinco) anos de idade;” e também na LDB que elucida: “ a Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Os estudos da Educação Infantil, suas origens e transformações estão estritamente ligados ao conceito de infância, daí é preciso que esse seja brevemente abordado. A infância pode ter várias definições e também passou por várias mudanças de concepção ao longo da história. Segundo Kohan, para os pesquisadores a etimologia da palavra infância tem seu sentido definido por aquele “que não fala” ou “incapaz de falar”, mostrando-nos que o nascimento da palavra infância é marcado como uma falta, ausência ou incapacidade. Nas palavras de Castello e Márcico *apud* Kohan temos que:

(...) Em geral, *infans* podia designar criança em idade muito mais avançada que aquela em que “não falam”, de modo que essa denominação é usual para as crianças até os sete anos (...). Na verdade, são encontrados usualmente usos de *infans* referindo-se a pessoas que se aproximam inclusive dos treze ou quinze anos. Então, podemos entender que *infans* não remete especificamente à criança pequena que não adquiriu ainda a capacidade de falar, mais se refere ao que, por sua minoridade, não estão ainda habilitados para testemunhar nos tribunais: *infans* é assim “o que não se pode valer de sua palavra para dar testemunho” (2008. p. 41).

De acordo com os autores tem-se uma ligação entre a origem da palavra infância com o domínio da res pública muito mais do que com o âmbito privado ou familiar, já que a palavra *infans* pode ser definida por aquele que está de fora, aquele que não pode participar, mesmo que temporariamente.

A infância tem significados genéricos e como as outras fases da vida, esse significado está relacionado às transformações sociais; toda sociedade tem um sistema específico de classes de idade e para cada uma delas há uma associação de status e de papel (KUHLMANN JR.,2010).

A infância deve ser percebida como um artefato social e histórico, e não somente como uma entidade biológica, deve-se entendê-la de acordo com as forças sociais, culturais, políticas e econômicas que incidem diretamente sobre ela (STEINBERG e KINCHELOE, 2001).

Em se falando dos significados da infância, também se faz imprescindível se falar dos sentimentos em relação a ela durante a história. De acordo com os estudos e pesquisas no livro *História Social da Criança e da Família* de Philippe Ariès (2011) na sociedade medieval o sentimento da infância, simplesmente não existia - aqui esse sentimento deve ser entendido como a consciência das particularidades desse período, tais particularidades que diferenciavam a criança do adulto; mas tudo isso não significava negligência ou mesmo abandono dos pequenos. Desse modo, assim que cessavam as mais urgentes necessidades da criança em relação a quem cuidasse delas, logo passariam a fazer parte do mundo dos adultos sem qualquer distinção, Steinberg e Kincheloe (2001, p. 11) elucidam ainda mais a questão:

Na Idade Média, por exemplo, a criança participava diariamente do mundo adulto e o resultado era o ganho do conhecimento profissional e experiência de vida. O conceito de criança como uma classificação específica de seres humanos que requerem um tratamento especial, diferentemente daquele aplicado ao adulto, ainda não havia sido desenvolvido na Idade Média.

Nos séculos XVI e XVII a criança pequena ganhava um olhar diferente, como concretização disto, lhe concederam trajes novos, trajes esses que agora se diferenciavam dos adultos. Esse sentimento novo em relação à criança também lhe atribuía uma nova função: a de diversão e entretenimento do adulto, tal comportamento que Ariès denomina de “paparicação”. Esse novo sentimento surgia entre as amas e mães que se comoviam dependendo do estado da criança, agora todos admitiam que a infância trazia prazer. Outro

sentimento também havia de surgir em decorrência do primeiro, agora, porém este viria como recusa em considerar a criança como brinquedo e sim como criaturas frágeis de Deus, assim segundo Ariès (2011, pag. 105):

O primeiro sentimento da infância – caracterizado pela paparicação – surgiu no meio familiar, na companhia de crianças pequenas. O segundo, ao contrário, proveio de uma fonte exterior a família: dos eclesiásticos ou dos homens da lei, raros até o século XVI, e de um maior número de moralistas no século XVII, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes.

O sentimento da infância relacionado à como as crianças eram tratadas nas instituições escolares, também é tema integrante da obra de Ariès. O autor nos traz como crianças e adultos, na idade média, eram colocados no mesmo ambiente para aprenderem uma mesma matéria da mesma maneira, onde era enorme a diferença de idades. Assim que ingressava na escola, a criança automaticamente já vazia parte do mundo dos adultos, isso perdurou por muito tempo, resistindo a várias transformações.

Voltando um pouco, lá no século XIII é possível identificar que os colégios não tinham a finalidade de educar, eram somente asilos para estudantes pobres, fundados por doadores. Só a partir do século XV essas instituições se tornaram ambientes de ensino, e sua população cresceu, não se restringindo mais apenas aos bolsistas da fundação. Então nessas instituições passou-se a ministrar o ensino de artes e posteriormente “o estabelecimento definitivo de uma regra de disciplina completou a evolução que conduziu da escola medieval, simples sala de aula, ao colégio moderno, instituição complexa, não apenas de ensino, mas de vigilância e enquadramento da juventude” (ARIÈS, 2011).

Com essa evolução da instituição escolar, o sentimento da infância também se desenvolvia. De início a mistura de idades dentro de uma mesma classe era aceita sem dificuldades pelo senso comum, porém chegou-se a um momento que todos tinham repugnância dessa mistura, no começo, esse fato se deu em favor das crianças menores.

Todo esse processo não se deu com uma real consciência da infância e juventude e sim exclusivamente para que estudantes não seguissem exemplos ruins de clérigos que levavam vidas levianas, pois a moral deveria ser preservada. Assim a instituição escolar surgiu como lugar onde se podia garantir uma vida honesta a um jovem, e depois passou a ser instrumento para a educação da infância e da juventude em geral (ARIÈS, 2011).

As instituições destinadas as crianças pequenas, de 0 (zero) a 3 (três) anos, somente

foram criadas posteriormente à aquelas destinadas as crianças maiores. Apesar disso, Froebel – fundador do jardim de infância na Alemanha em 1840 – escrevia sobre a importância da educação desde a mais tenra idade (KUHLMANN JR., 2000). Nesta época, o atendimento a crianças tão pequenas, era mais difícil ainda pelo fato do alto índice de doenças e mortalidade, somente mais tarde, mais ou menos em 1870 – com a descoberta do campo da microbiologia que viabilizou a amamentação artificial - foi que a creche conseguiu se fazer crescer em termo de instituição, sendo difundida interna e internacionalmente (KUHLMANN JR., 2000).

É possível identificar, no Brasil, antes da efetiva instalação das instituições pré- escolares movimentos e manifestações que incidem diretamente para a culminação de tais instituições. Um desses fatos importantes aconteceu ainda em 1879, no Rio de Janeiro, com a criação de um jornal chamado *A Mãe de Família*, escrito por um médico, Carlos Costa, especialista em moléstias das crianças destinado às mães burguesas. Como primeiro artigo, o jornal teve como título *A Creche* que problematizou a questão da criação desta em relação ao trabalho industrial feminino nos países europeus, e a falta de demanda deste tipo de trabalho no Brasil. (KUHLMANN JR., 2010). Em 1881, uma orientação foi dada por Felix Ferreira *apud* Veiga no periódico, onde é possível perceber a instrução para a distinção entre senhora e criança:

(...) Por sua vez aprende então que uma menina não traja sedas como uma grande senhora, não usa chapéu de pluma, não traz diamantes, não fala na sala quando há visitas; que se deita às oito horas e levanta-se às seis da manhã; que ainda não vai ao teatro, nem ao baile, nem ao concerto; que aprende também a cumprimentar os vizinhos, a apertar a mão dos amigos do pai, a conversar com a boneca e com as amiguinhas, a ter muito juízo e não chorar quando a mãe sai sem levá-la. (2010, p.22)

Em 1883 há uma Exposição Pedagógica no Rio de Janeiro, que se caracterizou essencialmente pela legitimação do interesse privado na questão da educação pré- escolar; os que se vinculavam a essas instituições privadas, apenas visavam seu próprio desenvolvimento e difundia a ideia de um jardim de infância para os ricos, onde se utilizavam do termo *pedagógico* como atrativo para essas famílias, distanciando-se dos asilos e creches para os pobres.

Em 1899 se deu a criação do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro (IPAI-RJ) e também foi o ano em que se inaugurou a creche brasileira para filhos de operários (KUHLMANN JR.,2011). O IPAI-RJ:

(...) dividia os seus serviços em puericultura intrauterina – ginecologia, proteção à mulher grávida pobre, higiene da prenhez, assistência ao parto em domicílio, assistência ao recém-nascido – e extrauterina – que incluía o programa Gota de Leite (distribuição de leite), creche, consulta de lactantes, higiene da primeira idade, exame e atestação das amas de leite, exame das mães que pedem leite esterilizado para seus filhos, e vacinação. (KUHLMANN JR.,2011, p. 84-85).

Essa e outras instituições destinadas aos cuidados com a infância eram concebidas como meios de educar as crianças e mães pobres, dessa forma, a creche seria para os pobres uma maneira de promover a organização familiar, daí o motivo de sempre se colocar como complementar a ela (KUHLMANN JR.,2000). De acordo com o referido autor a história das instituições pré-escolares não é uma sucessão de fatos que se somam, mas a interação de tempos, influências e temas:

As instituições pré-escolares foram difundidas, internacionalmente a partir da segunda metade do século XIX, como parte de um conjunto de medidas que conformam uma nova concepção assistencial; a assistência científica, abrangendo aspectos como a alimentação e habitação dos trabalhadores e dos pobres (...). A grande marca dessas instituições, então, foi sua postulação como novidade, como propostas modernas, científicas (...). A creche, para crianças de zero a três anos, foi vista como muito mais do que um aperfeiçoamento das Casas de Expostos, que recebiam as crianças abandonadas; pelo contrario, foi apresentada em substituição ou oposição a estas, para que as mães não abandonassem suas crianças. (Kuhlmann Jr., 2010, p. 77 - 78).

Como o aludido, a preocupação com a educação da infância decorre de muitos setores, não somente do educacional. Os domínios jurídicos são exemplos disso, já que procuram proteger o trabalho feminino, que só seria possível se a criança fosse considerada também responsabilidade do Estado e não só da família. Outros setores, como o de saúde e higiene, e de assistência social uniram forças em prol de um objetivo comum, o de assistir, proteger, educar a infância e a maternidade (VIEIRA, 2010).

O século XX aparece como uma época na qual a idade infantil está no centro de teorias, pesquisas, cuidados, interesses educativos, sanitários e sociais. Segundo Souza esse século comemorado com sendo o da criança, tem como característica o fato de que a criança passa de classe, de idade, de categoria demográfica e civil a sujeito sempre mais individualizado, governado, formador, estudado.

Em 1970 há a efetiva transição de uma concepção de Educação Infantil centrada na família – em que a instituições pré-escolares eram concebidas como um “mal necessário” –

para uma concepção positiva com um “partilha de responsabilidades” que surge o papel do Estado e das políticas públicas. Todo esse movimento:

(...) Se deve à ação dos movimentos sociais, no processo de redemocratização da sociedade brasileira, às mudanças sociais e demográficas, transformando a organização das famílias, à emergência de políticas de educação compensatórias, exprimindo intenções governamentais de mudar o meio da infância por uma educação dita comunitária, atingindo a família. (VIEIRA, 2010, p. 144)

Também conforme Rosemberg:

Até os anos de 1970, o consensual na sociedade brasileira era que a educação e o cuidado da criança pequena constituam preocupações da vida privada das famílias, especialmente das mães. Poucos e esparsos eram os sinais de que educar e cuidar de crianças pequenas era uma tarefa de toda a sociedade. (2010, p. 171 - 172).

Conforme explanado anteriormente se pode perceber o quanto as instituições educacionais destinadas às crianças pequenas quando criadas, estiveram relacionadas a instituições assistencialistas para famílias pobres e sem recursos. Instituições pré-escolares eram ligadas a órgãos de assistência social, até mesmo para controlar a mortalidade infantil e também integravam o projeto mais geral de saneamento para atingir certas metas, pois segundo Moncorvo Filho *apud* Kuhlmann Jr (2010, p. 90-91):

No momento em que se procura realizar o saneamento do Rio de Janeiro com as maiores e mais estupendas obras, é bom que se diga que, sem a Proteção e Assistência imediata à infância, esse saneamento não será completo; de que nos vale termos os mais belos monumentos na mais fina linha arquitetônica, as grandes e frescas avenidas, enfim os mais diversos panoramas, cada qual mais suntuoso a aguçar a nossa vista, se possuímos uma raça que aos poucos se deprime, se enfraquece e se elimina? (...) Sim, pelos cuidados prodigalizados à infância pode-se avaliar o grau de civilização de um povo.

Até 1970 o senso coletivo era de que somente crianças necessitadas, órfãs ou abandonadas deveriam ser educadas e cuidadas em instituições coletivas. Mas a partir do momento em que o reconhecimento da cidadania plena das mulheres se deu, e ela pôde participar do mercado de trabalho, tornando-se assim, imprescindível para a manutenção da qualidade e do padrão de vida nas famílias. Então paralelamente a isso a sociedade começa a

perceber a criança pequena como sujeito de direitos, e reconhece essa fase da vida como um momento riquíssimo para a aprendizagem, se boas condições educacionais forem oferecidas (ROSEMBERG, 2010).

Com o passar do tempo, uma bandeira foi levantada em luta do caráter educacional das creches. Isso se deu em função, da já falada estreita relação entre a Educação Infantil e o assistencialismo; com isso o pedagógico ou educacional eram visto como algo positivo, porém do outro lado – o assistencial – era visto como negativo e incompatível com o aspecto educacional; como se os dois não pudessem andar juntos de forma a se ajudarem na educação e cuidados com a criança.

Já em 1990 novas formulações são feitas, e agora percebe-se que o cuidado e educação com a criança são inseparáveis, pois se no ensino fundamental o cuidado também estava presente, na Educação Infantil ele era indispensável, já que quanto menor a idade maiores são os cuidados dispensados. O preconceito que havia em relação a essa questão – a de não haver cuidados como de alimentação, higiene, e outros dentro do espaço escolar na Educação Infantil- está ligado ao fato de o trabalho manual, os cuidados com alimentação e higiene fazerem alusão à dimensão do doméstico, disso resulta a desqualificação e desvalorização do profissional que trabalha com crianças menores e também resulta na divisão entre professoras e auxiliares (KUHLMANN JR.,2000).

De acordo com Corrêa (2003) a dimensão do cuidado sempre estará presente de um ou de outro modo nas relações entre adultos e crianças nas instituições de Educação Infantil, para que se supere a visão do cuidado como algo ruim e que não se encaixa na Educação Infantil, já que não são instituições assistencialistas, Campos *apud* Corrêa difundiu uma ideia de cuidado mais geral e abrangente, onde o conceito de educar também seja incluído para que se tenha “todas as atividades ligadas à proteção e apoio necessárias ao cotidiano de qualquer criança: alimentar, lavar, trocar, curar, proteger, consolar, enfim, ‘cuidar’, todas fazendo parte integrante do que chamamos de ‘educar’”. A partir dessa visão é interessante perceber o conceito de cuidar como intrinsecamente ligado ao de educar, pois a relação de professor com suas crianças sempre supõe certo tipo de cuidado, e se assim o enxergarmos, da melhor maneira ele poderá se fazer. Com isso, Carvalho *apud* Corrêa (2003, p. 106- 107) afirma, a cerca do cuidado, que:

(...) não se trata de um valor universal dos seres humano, nem de uma tendência ou instintiva das mulheres, nem mesmo de uma expressão de necessidades inerentes às crianças, pois que, se atender a certas necessidades básicas do seu humano durante seus primeiros meses de vida é uma questão

de sobrevivência, determinada por características biológicas tudo o mais nessa relação é histórica e culturalmente determinado: o tempo de duração dessa atenção, as pessoas mais indicadas para provê-la, o tipo de relação interpessoal que se estabelece entre os envolvidos, as formas e práticas de atendimento etc.

A questão do cuidado e da educação dentro das instituições escolares deve ser entendida de acordo com o que é possível encontrar na Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero à seis anos à Educação (2006), no âmbito das diretrizes da política nacional de Educação Infantil, onde um de seus princípios é a indissociabilidade entre o cuidado e a educação.

O ritmo de mudança em que se encontra a Educação Infantil faz com que conceitos sejam redescobertos a todo o momento, para além dessa discursão também há a mudança de patamar do profissional da Educação Infantil, pois em não muito tempo essa profissão passou: de um serviço de baixo status, onde o principal era “cuidar” de crianças pequenas, e era visto como um papel somente de mulheres consideradas mais experientes e instintivas; para um instrumento de transformação social, fundamental para que a sociedade alcance cada vez mais seus objetivos em termos sociais e econômicos (BROOKER, 2010).

Com essas transformações, o campo de pesquisa sobre a aprendizagem da criança pequena também se modificou, trazendo-nos importantes elucidações de como se dá o desenvolvimento desta, e de como ela é influenciada pelo ambiente inicial, tais descobertas ajudaram nas mudanças da prática. Daí que, com todas essas descobertas juntas, condições mais favoráveis foram criadas para atender os pequenos. Uma dessas descobertas pode ser exemplificada com o fato das pesquisas sobre o cérebro humano, que mostrou o quanto mais rápido é o ritmo de desenvolvimento do cérebro antes do nascimento e durante o período de bebê. Em nenhum outro período, novos conhecimentos, são adquiridos de forma tão intensa, com tanta facilidade e eficiência como nos anos pré-escolares. Tudo isso pode ser aproveitado nas instituições educacionais, se forem usadas, contanto que se tenha um ambiente favorável ao desenvolvimento, com afeição, interesse e estimulação (BROOKER, 2010).

No entanto, promover condições favoráveis ao desenvolvimento, não é tarefa fácil, para isso é necessário muito esforço, tempo e compromisso de todos os que estiverem envolvidos nesse processo. Também como peça chave nesse enredo é a forma com que tratamos as crianças, tendo elas a proveniência, etnia, cultura que for. Segundo Moyles:

Seja qual for à aparência externa da infância, o desenvolvimento biológico e

as necessidades de um desenvolvimento cerebral não mudam: todas as crianças com desenvolvimento normal aprendem a caminhar, correr, subir, pular e falar, geralmente na mesma sequência. (2010, p. 36)

Porém a questão levantada aqui é o fato de cada criança, ter suas conquistas no seu ritmo, da sua forma, dependendo também do estímulo que lhe é oferecido, do seu contexto e comunidades que fazem parte.

É preciso que os profissionais da Educação Infantil, tenham esses aspectos em vistas, para que sejam flexíveis em suas abordagens pedagógicas, de forma a aceitar que não existe um método que “dê certo” com qualquer criança. Pois vivemos, em tempos muito agitados, onde a configuração de família não é a mesma de antes, onde tínhamos o pai – que trabalhava e sustentava a família - e a mãe – que ficava em casa cuidando dos filhos; agora o tempo é escasso para tanto trabalho e outras tarefas, prejudicando muitas vezes, que a criança pequena tenha experiências vitais dentro de casa, cabendo aos profissionais da Educação Infantil compensar essas “faltas”. Hoje problemas emocionais e comportamentais, tomam conta de muitas crianças, assim, espera-se do profissional da Educação Infantil a atenção para essas questões que estão diretamente relacionadas à saúde emocional da criança, fazendo com que até os mais jovens compreendam seus sentimentos, consigam nomear suas emoções e reconheçam sua incidência sobre o ambiente (BROOKER, 2010).

É preciso que se mantenha a mobilização pela causa da Educação Infantil, se faz necessário que se tenha consciência da dívida histórica que se tem com as crianças, começando pela enorme desigualdade entre as crianças de 0 a 6 anos. É necessário que como professores de um estágio importante da vida, como é a infância, sejamos investigadores da própria prática e compreendamos que:

Crianças pequenas são seres cativos, no sentido de que sua mobilidade depende de adultos, seu espaço de circulação é restrito. A maioria das crianças de 0 a 3 anos permanece em suas casas 24 horas por dia. Nas condições de saneamento básico que existirem em suas casas. Nas condições de saneamento básico que existirem nas creches e pré- escolas, se existirem vagas. Durante décadas o modelo adotado de expansão da E.I. brasileira – com pequeno investimento de recurso público, usando espaços improvisados e inadequados – tem contribuído para a manutenção dessa perversidade do sistema. Se não é proposta da E.I. resolver as iniquidade da distribuição de renda no Brasil, da política de saneamento, por exemplo, ela deve estar atenta para não reproduzir tais iniquidades (ROSEMBERG, 2010, p. 175).

Muito temos no Brasil sobre a Educação Infantil, desde legislações como pareceres, diretrizes, referenciais curriculares e outros como os parâmetros de qualidade. O que resta agora é transpor tudo isso do papel para a realidade, para que assim tenhamos ambientes favoráveis ao desenvolvimento da criança pequena, profissionais comprometidos, instruídos, com formação continuada e cientes da importância da Educação Infantil desenvolvida com qualidade.

Capítulo 2

AFETIVIDADE – EMOÇÕES E SENTIMENTOS

Em nosso cotidiano usamos muitas vezes os conceitos de afetividade, emoção e sentimento como sinônimos, porém alguma diferença há e é preciso que aqui ela se faça. No dicionário Aurélio (2008) o conceito de afetividade é apresentado como “qualidade ou caráter de afetivo”, mas isso pouco nos diz, então procuremos por afetivo: “1. Relativo a afeto. 2. Que tem ou em que há afeto; afetuoso”, continuemos nossa busca, agora por afeto: “1. Afeição, amizade, amor. 2. Objeto de afeição”. Já a definição de emoção é “1. Ato de mover-se moralmente. 2. Perturbação do espírito provocada por situações diversas e que se manifesta como alegria, tristeza, raiva, etc; comoção” (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2008). Das duas definições vistas, já é possível estabelecer uma diferenciação. Por último a definição de sentimento é “ato ou efeito se sentir (se). 2. Sensibilidade. 3. Disposição afetiva em relação a coisas de ordem moral ou intelectual. 4. Afeto, amor. 5. Tristeza, pesar.” (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2008).

Para acrescentar ainda mais tais definições, utilizaremos Galvão (2012) que nos traz as emoções como sendo manifestações da afetividade e que são acompanhadas de alterações orgânicas, tal como aceleração dos batimentos cardíacos, também alteram a postura e o semblante. Sobre os sentimentos, segundo Damásio (2000) *apud* Araújo (2003) esses dizem respeito à experiência mental privada de uma emoção, em nós seres humanos, a consciência permite que as emoções sejam experimentadas e conhecidas na forma de sentimentos. E a afetividade, a qual mais se discutirá, é um termo mais genérico, constituída pelos sentimentos e emoções (ARAÚJO, 2003).

Falando de afetividade é necessário que se fale do processo de construção cultural que dá sentido a ela. De acordo com a abordagem histórico-cultural trazida por Vygotsky na perspectiva de Marta Kohl de Oliveira e Teresa Cristina Rego e também por Henri Wallon segundo Izabel Galvão, a afetividade é resultado da produção cultural de certa sociedade, e tem suas razões de ser nos significados que são dados a ela.

A aprendizagem sobre as emoções e seus significados começa na mais tenra idade, quando, por exemplo, um bebê sorri e todos se divertem com o fato ou quando ele chora e todos ficam atentos e preocupados com sua expressão, há um envolvimento afetivo entre eles.

Os adultos atribuem os significados às expressões utilizando-se das produções culturais em que estão inseridos, já que para Wallon (1959) *apud* Galvão (2012): “o recém-nascido é um ser cuja totalidade das reações necessita ser completada, compensada, interpretada. Incapaz de efetuar algo por si próprio, ele é manipulado pelo outro, e é nos movimentos deste outro, que suas primeiras atitudes tomarão forma”.

Sob o ponto de vista do autor, as emoções precedem até mesmo a expressividade, na verdade, se mostra como condição necessária a esta; e são de fundamental importância para uma primeira consciência de si mesmo e dos outros, os quais dão significados as suas emoções; daí que nesse estágio do desenvolvimento, o bebê demonstra suas emoções através de gestos corporais e com as mais primitivas expressões emocionais. Para que essas manifestações passem de um plano mais primitivo para outro mais complexo é necessária a utilização da linguagem, pois será por meio desta que as representações mentais se farão.

Sendo as primeiras sensações e produções do ser humano no campo afetivo, e que para esse se desenvolver é necessário que se tenha inter-relações que estarão inseridas em um contexto histórico-cultural, as relações com o mundo físico só aparecem posteriormente. A partir dessas primeiras relações, é que o sujeito conquistará seus desenvolvimentos no campo cognitivo, e é por isso que não devemos abordar a questão afetiva e cognitiva, como sendo áreas totalmente distintas e que não se relacionam, pois o que acontece é exatamente o contrário, já que a partir do afetivo o indivíduo começa a desenvolver o seu cognitivo.

Uma questão que aqui se apresenta de maneira decisiva é a necessidade de entendermos todas essas questões: cognitivas, afetivas, lógicas entre outras, dentro de sistemas, de conjuntos mais abrangentes (GONZÁLEZ REY, 2006). Deve haver uma constante interação dialética entre as dimensões humanas, implicando formas complexas de organização da personalidade, para se conceber uma representação do indivíduo como sujeito de seus processos psicológicos, um sujeito subjetivamente constituído (GONZÁLEZ REY *apud* OLIVEIRA e REGO, 2003). Daí que dentro da perspectiva histórico cultural o sujeito, segundo Oliveira e Rego, é produto do desenvolvimento de processos físicos e mentais, cognitivos e afetivos, internos e externos.

As primeiras emoções de um bebê, para Vygotsky, podem ser denominadas como emoções inferiores ou primitivas; nesses sentimentos o que prevalece é o instinto como o da autopreservação. Essas emoções, porém, são capazes de evoluir e se tornarem – quando adultos - em emoções superiores, que agora não serão mais decorrentes do instinto e sim de uma produção cultural, isso se dará de forma gradativa onde o meio deixará impressões no indivíduo e essas impressões sendo interiorizadas também serão transformadas pelos próprios

indivíduos, assim sendo, o sujeito não tem uma condição de passividade em relação ao seu contexto, muito mais do que isso, ele é capaz de agir e interagir com seu meio, modificando-o.

Segundo Rego (2012) as emoções superiores podem ser definidas como sendo o modo de funcionamento psicológico tipicamente humano, tais como a capacidade de planejamento, memória voluntária, imaginação, etc. Essas emoções são desenvolvidas concomitantemente com a parte cognitiva, pois são resultados de relações mais complexas entre o seu meio, daí necessitam de um desenvolvimento intelectual que dêem conta da linguagem de símbolos utilizada, por exemplo. Sendo assim, podemos dizer que as emoções passam a ser mais “controladas” pelo cognitivo.

Porém de acordo com Oliveira e Rego é necessário ressaltar que as emoções não são retidas ou reprimidas com o desenvolvimento cognitivo, somente serão agora levadas para o representativo abstrato, conseguindo apreciar com mais razão a elaboração dos sentimentos. Ainda segundo as autoras, o desenvolvimento cognitivo estará agora, a serviço da vida afetiva, já que serve como ferramenta de elaboração e refinamento dos sentimentos.

Todo esse processo, no entanto, será mediado pela cultura vigente da sociedade que se está inserida, desse modo se terá a origem da vida afetiva, que de nenhuma forma se dará de forma igual e no mesmo tempo em todos os indivíduos em desenvolvimento, pois cada um atribuirá um significado único ao que lhe é passado.

Com relevante importância nesse processo, para a abordagem adotada em questão, está o sistema de signos, que é utilizado para comunicação entre os indivíduos e como consequência são os mediadores das relações sociais. Através dessas relações é que os conceitos históricos e culturalmente construídos servirão para os sujeitos como expressão e representação das emoções. O interessante aqui é perceber que a partir da linguagem o indivíduo pode analisar e abstrair seus sentimentos, sem necessariamente expressá-los como faziam enquanto crianças para que o meio pudesse entendê-la e é claro, também como forma de transmitir seus sentimentos a outrem, comunicando-se.

Segundo Rego (2012) em se falando da questão entre cognição X afeto é importante perceber que Vygotsky quis compreender o sujeito em sua plenitude, e para que assim fosse, concebe um sujeito de forma integral, levando em conta seus pensamentos, emoções, desejos, imaginação, etc.

Voltando para Wallon, que também apresenta uma teoria próxima a de Vygotsky, no que tange a evolução da afetividade atrelada ao desenvolvimento cognitivo, é possível perceber que a afetividade vai ficando cada vez menos vinculadas aos fatores corporais – expressões

angustiadas ou de desespero, desconforto, etc. - podendo, como já dito anteriormente, ficar apenas no campo abstrato e assim expressadas por meios de palavras.

O entendimento e compreensão das emoções são importantes para entender pensamentos, comportamentos e outros tipos de expressões que as crianças possam vir a utilizar. Para Galvão (2012) as emoções possuem até centros próprios de comando, na região subcortical, assim sendo alguma utilidade elas possuem. Mais do que isso, também são as emoções que predominam em um momento da vida – primeiro ano - por esses motivos e outros é importante que se busque compreendê-las (GALVÃO, 2012).

Outro aspecto das emoções é o poder de contágio que elas possuem o que Wallon denomina como sendo o potencial mobilizador das emoções, assim uma pessoa que chegue chorando a uma sala, por exemplo, comove os outros que lá estiverem em um sentimento de tristeza. Destarte a relação entre a criança no início do seu desenvolvimento e o meio ocorre do mesmo modo, há uma espécie de associação comum entre eles, o que faz com que suas emoções se confundam, se propaguem, enfim, que se crie uma atmosfera afetiva, pois “a emoção estabelece uma relação imediata dos indivíduos entre si, independentemente de toda relação intelectual” (WALLON *apud* GALVÃO, 2003).

A relação interpessoal que corrobora para o desenvolvimento da criança em seus diversos aspectos também é de relevante importância. O papel do outro não é só de mero mediador entre os novos indivíduos e a cultura que prevalece, é muito mais do que isso, segundo Fernando González Rey (2004) o outro deve ser compreendido como um sujeito concreto, existindo na percepção da criança dentro de sistemas históricos e complexos de atividade e comunicação, esse outro tem um significado no desenvolvimento da criança. O outro carrega consigo, muitos sentidos subjetivos – esse deve ser caracterizado por uma integração de significados e processos simbólicos (emoções) - e é a partir daí que as crianças conseguem, mesmo de forma primária, fazer uma configuração subjetiva, levando em conta as complexas emoções e os processos simbólicos que estiveram presentes em suas relações (GONZÁLEZ REY, 2004). É possível que nessas relações tenha-se obtido muitas experiências agradáveis e prazerosas ou então experiências dolorosas, isso faz com que certas pessoas tenham ou não mais ou menos influência sobre determinada criança.

É necessário que o indivíduo seja entendido em seus diversos aspectos, como: o da afetividade, da cognição, das relações interpessoais que vão além da aprendizagem de símbolos e de fonte de exemplos. É preciso que a dicotomia entre afetividade e cognição seja superada, pois só assim poderemos apreciar o sujeito como um todo e não como sendo a junção de suas partes.

2.1 A Afetividade na Educação Infantil

No começo deste capítulo foi apresentado as relações sociais e importância do meio; agora traremos essa perspectiva para dentro da instituição escolar, onde é possível perceber uma rica troca de informações, emoções, aprendizado e outros entre os sujeitos que nela se situam. Nessas relações, concretizadas dentro do espaço escolar, se desenvolverá tanto a parte cognitiva quanto a parte afetiva da criança, sendo essa última o nosso objeto de estudo, que não deve ser deixada de lado ou simplesmente esquecida em razão do intelectual já que:

Componentes indissociáveis da ação humana, as manifestações emocionais tem importante impacto nas dinâmicas de interação que se criam nas situações escolares. O conhecimento das funções, das características e da dinâmica das emoções pode ser muito útil para que o educador entenda melhor situações comuns ao cotidiano escolar, tanto no sentido de conseguir um melhor envolvimento dos alunos e com eles, como no de evitar cair em circuitos perversos em que pode perder o controle da dinâmica do grupo e da sua própria ação. (GALVÃO, 2003, p. 85).

Como já dito anteriormente, há uma enorme fusão entre as emoções dentro de um espaço em que sujeitos convivem e compartilhem de experiências juntos, aqui é imprescindível que se faça uma aplicação desse estudo na prática escolar, pois já que as emoções são uma das primeiras formas de adaptação em um meio, tendo um educador conhecimento sobre isso, fará com que sua sala de aula seja um ambiente agradável, onde haja uma atmosfera afetiva de acolhimento, compreensão e paciência. Partindo desse ponto poderá trabalhar no desenvolvimento cognitivo de forma mais segura, dando mais confiança à sua criança, e ensinando-lhe a fazer com que a atividade intelectual controle mais seu emocional, estimulando a reflexão sobre as causas que geraram efeitos de descontrole em certas crianças ou até mesmo na turma como um todo, e a consequência disso, por vezes, será um ambiente agradável de desenvolvimento e aprendizagem tanto para os alunos como para os professores que poderão entender mais do que se passa dentro do seu próprio espaço de ensino - aprendizagem.

A compreensão das emoções como meio de se alcançar o entendimento das situações vividas no dia-a-dia no ambiente escolar é fundamental para que se consiga um envolvimento com mais qualidade por parte das crianças. Assim o professor pode, na prática, entender que

o ensino com mais entusiasmo favorece na criança uma afetividade positiva sobre o que está se passando, ao estabelecer esse elo: de um sentimento agradável pelo que está sendo ensinado dentro de sala sobre determinado assunto, o educando detém tais informações com mais apreço e vontade de aprender, mesmo que em um primeiro instante não tivesse tanta facilidade ou que até mesmo não gostasse do conteúdo. É possível apreender mais sobre isso em Araújo (2003), quando diz que:

Se a criança gosta daquele ambiente, se é bem tratada, respeitada, se ela vê sentido no que aprende ali, a instituição escolar pode tornar-se alvo de projeções afetivas positivas e tornar-se um valor para ela. Caso contrário, se ela é constantemente humilhada, desrespeitada questionada em suas capacidades e competências intelectuais e sociais, é bem provável que esse espaço seja alvo de projeções afetivas negativas, que não seja valorizado (...). (p. 159)

Para Wallon as emoções têm um caráter mobilizador muito forte, o que propicia uma propagação entre os indivíduos, provocando relações de solidariedade e colaboração em torno de um objetivo comum. Daí é necessário que dentro de sala de aula se faça com que as crianças sintam-se parte de um grupo, acolhidos emocionalmente por seus professores e assim contagiados pela afetividade e emoções que se passa dentro do espaço escolar, colaborarão para o objetivo do professor da Educação Infantil, que pode ser assim descrito: embora as crianças desenvolvam suas capacidades de maneira heterogênea, a educação tem por função criar condições para o desenvolvimento integral de todas as crianças, e para que isso ocorra, é necessário que se dê condições para o desenvolvimento das capacidades, envolvendo aquelas de ordem física, afetiva, cognitiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social, tudo isso segundo o Referencial Curricular da Educação Infantil (1998).

O professor deve em sala de aula, usar da afetividade para com a criança, de forma que a estimule a se motivar e se desenvolver nos diversos campos do conhecimento. Essa afetividade, porém, deve ser exercida de maneira verdadeira, para que realmente a criança se sinta segura no ambiente escolar. Dessa forma:

Apropriar-se do papel que tem as manifestações expressivas emocionais na coesão do grupo pode inspirar interessantes recursos para o professor obter o envolvimento dos alunos em suas propostas e explicações. Assim, à preocupação com a clareza e coerência lógica de suas explicações e propostas, o professor pode aliar a atenção aos aspectos expressivos de seu comportamento. O entusiasmo pelo conhecimento que ensina, pode, se expresso em sua postura, na tonalidade e melodia da voz, ser mais

facilmente transmitido, digo, contagiado, aos alunos. (GALVÃO, 2003, p. 85)

Como já visto anteriormente, o sujeito não aprende apenas com o intelecto, e sim como um sistema, dentro desse todo, é possível localizar o sentido subjetivo como um sistema simbólico-emocional em constante desenvolvimento, assim todos esses aspectos agem mutuamente uns sobre os outros, sem que um seja a causa do outro (GONZÁLEZ REY, 2006). Esses sentidos subjetivos:

Constituem verdadeiros sistemas motivacionais que – diferente das teorias mais tradicionais de motivação – permitem-nos representar o envolvimento afetivo do sujeito em uma atividade, não apenas pelo seu vínculo concreto nela, mas como produção de sentidos que implica uma configuração única, sentidos subjetivos, emoções e processos simbólicos resultantes de subjetivação que integram aspectos da história individual, como os diferentes momentos atuais da vida de cada sujeito concreto. (GONZÁLEZ REY, 2006, p. 34)

Sendo assim, o sujeito traz, para o processo de aprendizagem e também como resultado desse, sentidos subjetivos que não só foram criados naquele momento, e sim todos os que foram construídos nas suas várias experiências até o momento. Em consequência disto é imprescindível que na relação ensino–aprendizagem, o professor considere seu aluno na complexidade de sua organização subjetiva “pois os sentidos subjetivos que vão se desenvolvendo na aprendizagem são inseparáveis da complexidade da subjetividade do sujeito” (GONZÁLEZ REY, 2006).

Os professores de Educação Infantil devem se sentir responsáveis pela formação integral do sujeito, como está previsto na Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, mais conhecida como Lei de Diretrizes e Bases (LDB) em seu Artigo 29: “A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

É preciso que o desenvolvimento da afetividade, das emoções e sentimentos façam parte dos aspectos psicológicos que a Lei nos traz, sendo objeto de ensino - aprendizagem, com isso, segundo Arantes (2003) “A escola estaria se aproximando de maneira mais evidente da vida cotidiana dos cidadãos e das cidadãs”. Uma criança que entre na escola, não deixará tudo o que sente e tudo o que gosta para trás somente porque esta entrando na escola. Muito diferente disso, ela vai começar a associar tudo o que já viu fora da instituição escolar com o

que lá dentro vai aprender, associando também situações agradáveis com sentimentos bons e o contrário da mesma forma.

Uma educação desenvolvida para formação de sujeitos na sua completude deve interligar e trabalhar com o desenvolvimento racional e sentimental a todo o tempo já que:

(...) Um planejamento didático e pedagógico elaborado segundo tal concepção de educação, e sua conseqüente realização no cotidiano das salas de aula, poderá levar alunos e alunas a construir personalidades mais autônomas, justas e solidárias, a serem mais conscientes de si e de seus próprios sentimentos, e a construir uma vida pessoal e coletiva mais feliz. (ARANTES, 2000, p. 126)

A afetividade exerce um papel fundamental, também sobre os pensamentos, já que não os vemos como vindos do nada. Vygotsky nos esclarece que:

Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento, porque uma análise determinista pressupõe descobrir seus motivos, as necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em um ou outro sentido. De igual modo, quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo, volitivo da vida psíquica, porque uma análise determinista desta última inclui tanto atribuir ao pensamento um poder mágico capaz de fazer depender o comportamento humano única e exclusivamente de um sistema interno do indivíduo, como transformar o pensamento em um apêndice inútil do comportamento, em uma sombra sua, desnecessária e impotente. (VYGOTSKY *apud* OLIVEIRA e REGO, 2003, p. 18)

É importante se fazer perceber que o pensamento é parte do funcionamento cognitivo, e que afetividade e cognição estão entrelaçadas e devem ser desenvolvidas de maneira equilibrada. É preciso que se deixe para trás a concepção iluminista que só prestigiava o racional, o intelectual e formal, deixando completamente de lado a parte afetiva, sentimental e emocional; pois essas são questões indissociáveis no ser humano, e para que a escola forme um cidadão integral deve também deixar de valorizar só o intelectual e partir para uma abordagem mais completa e dinâmica, que perpassa por todas as dimensões de formação, já que “aprender é toda uma produção subjetiva cuja qualidade não está definida apenas pelas operações lógicas que estão na base desse processo” (GONZÁLEZ REY, 2006)

O professor deve sim desenvolver a afetividade, ensinando suas crianças a identificarem seus sentimentos e emoções e também às causas que os originaram, daí é possível perceber

que com essa prática, o cognitivo não é deixado de lado, já que temos inseridos nesse trabalho a observação e também a determinação de causalidade (SASTRE e MORENO, 2003).

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998) nos traz em seus objetivos que, em se tratando da dimensão afetiva, essas devem estar ligadas a construção da autoestima, das atitudes no convívio social, a compreensão de si mesmo e dos outros.

A afetividade se mostra nos valores que levamos para a vida, pois segundo Piaget (1954) apud Araújo (2003) os valores são construídos com bases nas projeções afetivas que o sujeito faz sobre os objetos e pessoas. Fazendo uma ligação desse fato com as escolas, é necessário ver que o ambiente escolar deve ser o mais estimulante e acolhedor possível:

Assim, cabe ao professor propiciar situações de conversas, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a auto-estima. A existência de um ambiente acolhedor, porém, não significa eliminar os conflitos, disputas e divergências presentes nas interações sociais, mas pressupõe que o professor forneça elementos afetivos e de linguagem para que as crianças aprendam a conviver, buscando as soluções mais adequadas para as situações com as quais se defrontam diariamente. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998, p.31)

Assim, além de propiciar um ambiente seguro e envolvido em uma atmosfera agradável e afetiva o professor também deve, como parte da afetividade e como parte da formação do sujeito moral e ético, ensinar as crianças a resolverem conflitos, ensinando-lhes a controlarem suas emoções e investigarem as causas de aborrecimentos e sentimentos indesejados; faz-se necessário que se estabeleça limites e que haja disciplina dentro de uma sala de aula, como Paulo Freire (2011) dizia, é “preciso descartar como falsa a separação entre seriedade docente e afetividade”, pois possível é que tenhamos rigorosidade e alegria dentro de um mesmo espaço. Na verdade é necessário que disso se componha o ambiente escolar.

Como bem aborda Araújo (2003) a proposta da afetividade sendo desenvolvida dentro da escola, tem no mínimo três aspectos importantíssimos. 1 - na medida que as emoções e sentimentos fazem parte da vida de todos, a escola tratando disso acaba por se tornar mais contextualizada fazendo mais sentido. 2 - que trabalhando as emoções e sentimentos, junto com outros conteúdos, fazem com que esses possam ter um significado maior, servindo como um meio para que as crianças compreendam muito mais de si mesmas e do mundo em que vivem. 3 - admite-se que não há como existir uma dicotomia entre afetividade e cognição no

funcionamento psíquico.

As situações que envolvem questões pessoais e sociais estão fortemente associadas às emoções positivas e negativas. Recompensa ou castigo, prazer ou dor, alegria ou tristeza, todas produzem mudanças nos estados corporais e essas mudanças são expressas como emoções. (BECHARA, 2003, p. 196).

Sendo assim, principalmente os professores da Educação Infantil, devem envolver suas crianças em sentimentos, sensações e emoções positivas, isso porque eles estão saindo de seu ambiente carregado de afeto, amor e carinho para outro espaço até então desconhecido. E para que gostem, queiram fazer parte desse espaço e assim se deixarem envolver nas atividades é necessário que eles façam a ligação da escola como lugar onde há prazer e alegrias.

Capítulo 3

METODOLOGIA

Este capítulo tem como objetivo descrever a metodologia realizada, considerando sua abordagem e os instrumentos utilizados para a coleta de dados. Também será esclarecido todo o contexto em que a pesquisa foi desenvolvida, bem como a caracterização dos sujeitos participantes. Tais elementos foram usados no intuito de alcançar os objetivos propostos neste trabalho.

3.1. Caracterização da pesquisa: abordagem e instrumentos

Essa pesquisa se utiliza do método comparativo conquanto pretende colocar duas ações bastantes distintas de docentes em comparação, percebendo qual o uso da afetividade que as professoras fazem ou não dentro de suas aulas. Em seguida, as crianças da Educação Infantil deverão identificar as ações docentes que mais proporcionam prazer no aprender, na escola e na relação professor–aluno, se as consideradas afetivas ou aquelas não afetivas. Para que tais dados fossem coletados, o método observacional também foi utilizado no intuito de poder perceber como as diferentes atuações de duas docentes na turma que atende crianças de cinco e seis anos influenciam em seus comportamentos e interesse nas aulas.

A pesquisa aqui apresentada pode ser classificada como qualitativa posto que, segundo Gil (2008) este tipo de pesquisa se caracteriza muito mais pelo aprofundamento das questões propostas em detrimento de serem representativas de um universo como acontece no levantamento. Também segundo Silva e Menezes (2005, p.20) a pesquisa qualitativa:

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de

abordagem.

A investigação realizada pretende identificar qual a influência do comportamento do professor, bem com a forma que o próprio docente percebe ou não essa influência sobre suas crianças. Para que isso aconteça, a pesquisa se orienta de uma forma descritiva já que esses dados são obtidos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Com relação a essa característica, segundo Gil (2008) as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinado fenômeno e/ou estabelecimento de relações entre variáveis.

O delineamento aqui utilizado para a escolha dos procedimentos técnicos que conduzem efetivamente a pesquisa foi o de pesquisa de campo, esse tipo de pesquisa apesar de não possuir um amplo alcance se aprofunda melhor na situação investigada.

A realidade em que a pesquisa aqui desenvolvida foi realizada evidência o fato de que apesar de ter ciência da importância da afetividade na prática docente, principalmente na Educação Infantil relacionada ao cuidado que a criança carece, ainda é possível identificar na atuação de alguns docentes a falta desse elemento, prejudicando assim a estimulação do sujeito para que se motive.

Os instrumentos utilizados para a pesquisa foram: um questionário aberto aplicado a duas docentes que atuam em uma mesma turma de Educação Infantil, com crianças de 5 e 6 anos de um Colégio Particular situado na Asa Norte – Brasília. Uma docente é a regente da turma e a outra ministra aulas de uma área especializada – informática-, também utilizou-se do recurso da observação para com a atuação das duas professoras e de como as crianças da turma reagem aos dois diferentes tipos de estímulos oferecidos (afetivo x não-afetivo) pelas professoras em questão. E por último, utilizou-se uma oficina de história, onde pode-se contar duas histórias referentes a duas professoras com atuações bem diferentes (afetivo x não-afetivo), para assim apreender da turma por meio de uma rodinha – crianças da turma, juntamente com suas professoras, sentadas no chão em formato de roda - com clima bem descontraído, quais os comportamentos que eles aprovam e o porquê, como também qual o comportamento dos professores que eles não gostam e o porquê. Após a realização da rodinha as crianças produziram um trabalho que representaram para elas quais os aspectos das atuações que elas gostariam que suas professoras tivessem, enquanto elas faziam seus trabalhos pude recolher depoimentos sobre o que estavam desenhando e a causa de desenhar tal comportamento de suas professoras e não outro.

A observação utilizada durante toda a pesquisa foi a participante natural já que “consiste

na participação real do conhecimento na vida do grupo” (GIL, 2008, p.103), segundo Kluckhohn *apud* Gil (2008, p. 104) as principais vantagens da pesquisa participante são:

- a) Facilita o rápido acesso a dados sobre situações habituais em que os membros das comunidades se encontram envolvidos.
- b) Possibilita o acesso a dados que a comunidade ou grupo considera de domínio privado.
- c) Possibilita captar as palavras de esclarecimentos que acompanham o comportamento dos observados.

Como membro da turma pude conviver mais profundamente com as situações vividas por ela, bem como o sentimentos e emoções expressos em resposta a casa ação, e assim, tive a oportunidade de investigar e questionar de forma mais descontraída e natural.

3.2 Contexto da Escola

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede particular, situada na Asa Norte, seu funcionamento é no turno matutino com o Ensino Fundamental II e no turno vespertino com a Educação Infantil e com Ensino Fundamental I. Mais precisamente a investigação se deu em uma turma denominada pela própria instituição de Infantil V, que também pode ser identificada como a fase Pré- escolar.

A turma é caracterizada por ter 19 crianças, sendo 6 meninos e 13 meninas, todos pertencem a classe média e classe alta. A maioria reside na própria asa norte e alguns moram em águas claras e na asa sul. Somente uma criança tem pais separados, mas convive com muita frequência tanto com a mãe como com o pai. Apesar de a maioria ter sempre por perto o pai ou a mãe, muitos são cuidados diariamente por babás.

Trabalho no colégio como professora assistente e especificamente com essa turma desde o começo do ano e diante da ideia de desenvolver uma pesquisa sobre a afetividade na Educação Infantil no meu trabalho final de curso, decidi por fazer nesse ambiente do qual já me apropriei.

A instituição escolar é caracterizada por se utilizar de uma pedagogia própria, denominada pedagogia logosófica derivada da ciência logosófica que foi criada por Carlos

Bernardo González Pecotche na Argentina na década de XX. O referido autor primeiro instaurou a Fundação Logosófica instituída para o aperfeiçoamento e conscientização do ser. Tendo em vista que a melhor forma de enraizar um ensinamento é por meio da educação, Pecotche fundou escolas, primeiro na Argentina depois no Uruguai e por último no Brasil. As fundações logosóficas são mantenedoras das escolas logosóficas, não tendo, portanto a intenção de lucratividade. Segundo a própria escola sua pedagogia é embasada em conceitos como o de vida, de liberdade, de defesas mentais, de pensamentos e outros. A pedagogia logosófica baseia-se em duas forças: no conhecimento e no afeto, considerando esse último, como a expressão mais elevada e consciente do amor.

Quando principiei no colégio percebi uma realidade bastante interessante, pois como a pedagogia aplicada ali era algo novo foram-me proporcionados vários cursos e reuniões de informação sobre como o trabalho era realizado, antes que as aulas se iniciassem. Achando que na teoria tudo sempre é muito bonito e até mesmo utópico não achei que na prática tudo ali que eu pudera ouvir e ver seria realmente aplicado, o espanto veio quando as aulas se iniciaram e pude perceber que muita coisa, claro que não tudo, mas os aspectos mais importantes ao meu ver, eram aplicados na educação da criança além dos conteúdos programáticos. O que eu vi sendo aplicado era o afeto e o exemplo com humildade, desde a ocupante do mais alto cargo do colégio até os responsáveis pela limpeza. É ensinado para as crianças a identificação em seus pensamentos de atitudes certas e boas com a de abraçar, beijar os colegas e as professoras, como ser um bom amigo e tantos outros e também de identificarem pensamentos que trarão atitudes erradas e que não serão boas com a de bater no colega, dar língua entre outros.

Um conceito que também é trabalhado no colégio e que aparece no relato de uma aluna na pesquisa é o da casa mental, a pedagogia logosófica traz muitas analogias e uma delas é a de uma casa como conhecemos e da nossa casa mental, a analogia sobre esse ensinamento é a seguinte: de que, como gostamos de nossa casa limpa e cheirosa e o fato de deixarmos entrar nela somente pessoas que nos querem bem e que nenhum mal nos farão, a relação é feita com a nossa casa mental, onde como na casa onde moramos, só devemos deixar entrar pensamentos bons, que nos farão bem e não pensamentos que farão mal, deixando a nós e nossos familiares bem tristes.

Outros conteúdos contemplados na Educação Infantil e que favorecem um clima agradável no colégio, de muita intimidade e amizade, podem ser encontrados no currículo da Educação Infantil como sendo conhecimento de mundo, um deles, por exemplo, é o de

conhecer os funcionários e as dependências do colégio para que a criança se familiarize com o ambiente em que estará grande parte do dia.

A partir da vivência que já tinha em outro colégio que valorizava o afeto e a maior proximidade possível entre aluno e professor, e agora percebendo essa nova realidade que também colocava em xeque os valores de afetividade e amor junto com a educação em um ambiente institucional, foi que surgiu a ideia de perceber a influência desses aspectos na Educação Infantil. A ideia me inquietou mais ainda, quando tive contato com outro fato que pôs tudo o que eu havia visto na própria escola em questionamento, pois havia uma professora que ministrava aulas especializadas para meus alunos de uma forma bem diferente da que eles estavam acostumados e isso fez com que o comportamento deles também fosse diferente, frente à postura que a professora apresentava. Com essa situação decidi observar para comparar tantos os estímulos oferecidos por cada professora quanto às respostas de motivação que a turma como um todo apresentava.

Na escola as professoras regentes ou assistentes e até os professores de aulas especializadas, além de uma reunião pedagógica com a diretora do colégio com orientações gerais, temos reuniões com a coordenadora, no meu caso da Educação Infantil e em nossas reuniões ela procura nos passar o máximo de informações pertinentes a pedagogia do colégio e a fazer uma avaliação da nossa atuação semanal. Em minhas primeiras reuniões tive contato com a missão do colégio que tem por objetivo:

Oferecer a infância e a adolescência, um amparo e um saber que favoreçam o desenvolvimento pleno de suas aptidões físicas, mentais, morais e espirituais, formando as bases de uma nova humanidade, mais consciente de responsabilidade frente à própria vida, à sociedade em que vive e ao mundo.

E para que perseguíssemos tais objetivos três principais pilares foram me apresentados, são eles: a alegria, o respeito e o afeto. Para exemplificar a visão da instituição sobre esses três conceitos trago as mesmas citações que me serviram como estudo do livro *Iniciação ao Conhecimento Logosófico* de González Pecotche (1951, p.275), sobre a alegria:

Há que fazer brotar a alegria interna para que se transforme em boa disposição, a fim de que tudo se faça com gosto e nunca se mortificando por isto ou por aquilo, pois se estaria tirando todo o valor ao que foi feito.

Quando uma coisa se faz com gosto todos a estimam, desprezando-a quando é feita com desgosto.

Sobre o respeito, a seguinte citação foi me apresentada: “Refreie o quando puder seus impulsos. Seja enérgico sem ser violento. Seja justo sem ser exigente. Seja tolerante com as faltas dos outros e reprima as suas com rigor” do livro *Intermédio Logosófico* (1950, p.130). Já sobre afeto o estudo foi feito dando ênfase às atitudes como: de ser atencioso com as crianças e pais, cumprimentar com delicadeza e atenção, observar e ressaltar as melhores atitudes das crianças entre outras.

Destarte comecei a perceber as atitudes da professora regente da turma em que sou professora assistente, da coordenadora da Educação Infantil e até mesmo da diretora. Fiquei muito empolgada com a atuação de todos, pois condiziam com o que ali era proposto. Todos recebiam as crianças com muito entusiasmo e carinho, se abaixavam quando iam elogiar, conversar ou chamar atenção por algo de errado ocorrido. O principal modo com que eles ensinavam era com o exemplo, ao invés de pedir que as crianças realizassem qualquer coisa sozinhas, tudo era feito junto e com qualquer uma delas – não tendo diferença entre a diretora e a professora, por exemplo, na hora de se sentar no chão para mostrar como devemos calçar e amarrar o sapato.

Tudo ocorria bem, não que tudo fosse perfeito e que problemas não existissem, muito pelo contrário, porém estes eram resolvidos com reflexão e estudo dos casos; até que começamos a frequentar uma aula especializada e a professora que ali dirigia as atividades não tinha postura condizente com o proposto pela escola nem com o que eu achava e via como adequado a crianças de 5 e 6 anos. Elas por muitas vezes eram expostas a situação desconfortáveis e chamadas à atenção com muita brusquidão e insensibilidade. Vendo a diferença como as crianças eram tratadas e como tais atitudes influenciavam em seus comportamentos e motivação, fiquei intrigada por observar e comparar, dando origem a essa pesquisa.

3.3 A realidade dos alunos

Os alunos da situação exposta anteriormente estão cursando a Educação Infantil e fazem parte de uma turma com dezenove crianças. A turma tem como forte característica um ótimo entrosamento e por isso são muito agitados, pois todos querem brincar e conversar o tempo todo.

A professora regente da turma trabalha no colégio há doze anos, tem formação na área de Educação Física, Pedagogia e pós-graduação em Orientação Educacional, também faz parte da Fundação Logosófica. Ela foi muito receptiva à minha entrada no colégio, apoiando-me e ensinando-me em diversas situações, seu perfil de professora pode ser descrito como uma pessoa competente, calma e muito bondosa, criando um ambiente sereno apesar da agitação dos alunos, também tem como forte característica a afetividade, sendo carinhosa com todos os alunos.

3.4 Oficina de Contação de História

O principal objetivo dessa oficina foi obter a comparação entre dois perfis de professores bem diferentes sob a perspectiva dos próprios alunos, através da contação de duas histórias. Utilizei os seguintes instrumentos para a coleta de dados: gravações e relatos deles sobre a história. A oficina foi organizada da seguinte forma: na rodinha de entrada da escola, depois da acolhida das crianças com boa tarde, abraços e beijos, comecei a dar início a contação de duas histórias, antes pedindo que prestassem muita atenção, pois ao fim eles teriam de me dizer qual a diferença para eles de cada história, de qual gostaram mais e porquê. A primeira história, de minha autoria, diz respeito a uma professora que não era carinhosa nem afetiva e a segunda chamada “E Essa Tal de Escola? Como Será?” dos autores Bel Linhares e Alcy, que não tem falas, somente imagens, que eu descrevi com muitos detalhes, focando principalmente no comportamento da professora.

Capítulo 4

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A primeira análise será sobre o questionário aberto, que visa a responder a problemática: O EDUCADOR RECONHECE REALMENTE A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL, BEM COMO SEUS DESDOBRAMENTOS? O questionário foi respondido por duas professoras que atuam com a mesma turma em ambientes diferentes, uma professora atua diariamente com os alunos sendo a regente da turma, a outra tem uma aula especializada por semana – informática. Para acrescentar a reflexão e comparação utilizarei da minha observação sobre a atuação das duas e em consequência o comportamento das crianças nas duas aulas. Todos esses dados serão relacionados a seguir.

4.1 Questionário

O questionário foi entregue às duas professoras para que respondessem em casa e sem um tempo estipulado para a devolução. As questões foram as mesmas para ambas e as respostas também foram semelhantes em alguns aspectos.

A primeira questão foi feita para avaliar o grau de importância que ambas as professoras atribuem a Educação Infantil, já que sendo docentes dessa etapa devem perceber as peculiaridades que ela carrega bem como a vulnerabilidade e dependência infantil que acabam gerando atitudes de cuidado; com isso, partindo da ideia de Garanhan (2010) a diversidade de tarefas para com a pré-escola vai desde o cuidado da criança – bem estar, higiene, segurança – à educação entendida como socialização, desenvolvimento, aprendizagem e apropriação de diferentes linguagens.

Em resposta a questão apresentada, as duas consideram essa etapa como indispensáveis para o desenvolvimento e ressaltam que os conhecimentos apreendidos nessa fase servirão de base para o resto da vida, isso é evidenciado na resposta da professora regente quando diz: *“É nessa fase da vida que a criança adquire formação que a acompanhará por toda a vida. É na Educação Infantil que a criança desenvolve habilidades, se socializa e adquire os conhecimentos necessários para as demais fases escolares”* e também é colocado pela

professora de informática: *“Vejo que é nas primeiras idades da criança que os conhecimentos, principalmente os valores de vida, se instalam de forma nata na mente, criando aí as características que formarão o conceito daquele ser na vida adulta”*.

Dentre os vários fatores que implicam a Educação Infantil como sendo de fundamental importância na sociedade atual, como a inserção da mulher do mercado de trabalho e a insuficiência do cuidado e educação dispensados em casa entre outros, listados por Rosemberg (2010), as duas professoras focaram-se na base que a E.I. proporciona para as outras etapas da vida. É importante que se tenha em mente o que Rosemberg (2010, p.179) anuncia quando diz que:

Falta-nos à sociedade termos mais clareza sobre o estatuto, a posição da primeira infância na sociedade: quando a consideramos uma etapa preparatória para a verdadeira vida, uma etapa de curta duração, concebemos a E.I. como preparatória à verdadeira vida escolar, que se inicia com o ensino compulsório, com as verdadeiras aprendizagens, da leitura, da escrita, dos cálculos. Nessa ótica, esquecemos que a criança pequena está vivendo sua humanidade hoje, sua cidadania hoje, ao mesmo tempo em que constitui as bases para o futuro.

A crítica da autora é a de que percebamos a consideração feita sobre a infância: como um período relativamente curto e transitório; porém ela é duradoura para quem vive e permanente como etapa da vida na sociedade. Sendo assim a E.I. não pode ser meramente um lugar de espera para o ensino fundamental é preciso que se utilize dos recursos que as crianças oferecem nessa idade para que a educação seja complementada e enriquecida.

De acordo com Garanhami (2010, p.195) a docência na Educação Infantil tem um caráter singular, e isso se deve ao fato de algumas especificidades, como:

- Das características da criança pequena: globalidade, vulnerabilidade e dependência da família;
- Das características das tarefas: a abrangência do papel de educadora da infância;
- Da integração e interação entre o conhecimento e a experiência, as interações profissionais e a integração dos serviços entre os saberes e os afetos.

Assim sendo, as professoras responderam a segunda pergunta do questionário, quais, para elas, seriam as características de um(a) professor(a) da E.I. Dentre os aspectos levantados por elas está a paciência e o carinho que são apresentados como indispensáveis a um professor da E.I. e classificados como de grande importância. A professora regente utiliza-se também da

palavra afetivo e a professora de informática fala em amoroso. É interessante a partir daí percebermos que a importância atribuída por Whitebread (2010) de a criança sentir afeição, aparece no relato das professoras. Segundo David (2010, p. 160) pesquisas recentes demonstram a necessidade de amor e afeição e:

Também é interessante observar que outros avanços nas pesquisas estão indicando que são as interações de amor com pessoas familiares e significativas (tanto crianças quanto adultos) que estimulam a produção de certas substâncias químicas, na corrente sanguínea, que influenciam o cérebro.

De acordo com Fabian (2010) o bem estar e o desempenho do aluno andam juntos, as crianças aprendem bem quando se sentem seguras e emocionalmente tranquilas em sala de aula, e as características citadas pelas professoras ajudam para que isso aconteça.

Na terceira questão, quando questionadas sobre como percebem a questão da afetividade dentro da sala de aula, mais propriamente na relação professor-aluno, as duas colocam a questão como pré-requisito para um desenvolvimento mais natural e alegre e para que haja um favorecimento da aprendizagem. Nas palavras da professora regente: *“o afeto deve ser cultivado, pois a criança da Educação Infantil precisa se sentir acolhida, bem e a vontade no ambiente escolar para se desenvolver com alegria e de forma natural”* e nas palavras da professora de informática temos: *“percebo que a afetividade na relação professor aluno favorece a aprendizagem”*.

As duas, portanto consideram a afetividade importante para o favorecimento da aprendizagem, tal concepção é apresentada por Araújo (2003) quando diz que se a criança gosta do ambiente da escola, se é bem tratada, respeitada, se ela vê sentido no que aprende ali, a instituição escolar pode tornar-se alvo de projeções afetivas positivas e tornar-se um valor para ela; caso contrário, se ela é constantemente humilhada, desrespeitada, questionada em suas capacidades e competências intelectuais e sociais, é bem provável que esse espaço seja alvo de projeções afetivas negativas, que não seja valorizado, que não constitua um valor para ela.

Na próxima questão as professoras também falaram de como a afetividade pode influenciar o ambiente, o conteúdo e o interesse do aluno. Segundo Galvão (2003) as manifestações emocionais tem importante impacto nas dinâmicas de interação que se criam nas situações escolares, o conhecimento das funções, das características e da dinâmica das

emoções pode ser muito útil para que o educador entenda melhor situações comuns ao cotidiano escolar. Para Lewin *apud* Galvão (2003) dependendo da atmosfera que se crie, ela muito corrobora para o êxito ou não do professor. Para a professora regente “*se o aluno se sente bem no ambiente escolar, se o professor demonstra interesse por aquilo que ele traz sobre outros lugares que frequenta e sente segurança em relação ao professor, ele se desenvolve melhor, sem travas, receios de errar e ser criticado. A maneira como o professor ensina, pode estimular o aluno a querer aprender mais, melhorar alguma forma de se comportar que não esteja adequada e se desenvolver de forma integral*”. A professora de informática responde com uma linha de raciocínio bastante parecida com a da outra educadora, dizendo que “*a afetividade influencia muito na adaptação, na formação do ambiente, na fixação do conteúdo e na vontade de aprender, pois cria estímulos internos na criança*”, é possível perceber a partir dos relatos acima que de acordo com a abordagem histórico cultural:

As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indiferente. (VYGOTSKY *apud* BORBA e SPAZZIANI, 2007, p.5)

Para Wallon *apud* Rego (2012) é grande a importância do meio no desenvolvimento infantil, e nesse meio estão envolvidos as dimensões das relações humanas, a dos objetos físicos e a dos objetos de conhecimentos, todas elas inseridas no contexto das culturas específicas.

O meio é o campo sobre o qual a criança aplica as condutas de que dispõe, ao mesmo tempo, é dele que retira os recursos para sua ação. Com o desenvolvimento ampliam-se as possibilidades de acesso da criança às várias dimensões do meio. (...) com os progressos no campo da motricidade prática, ganha autonomia para agir diretamente sobre o mundo dos objetos e, com a aquisição da linguagem, adquire recursos cada vez mais sofisticados para interagir com o conjunto de técnicas e conhecimentos de sua cultura. (GALVÃO, 2012, p.100-101)

O tema da aula não deve ser o único a ser pensado, o espaço tem de ser planejado e estruturado para que forneça elementos necessários ao aprendizado tanto do conteúdo, como das relações sociais.

Analisando a fala da professora de informática quando diz que afetividade influencia porque cria estímulos internos, pode-se relacionar com o sentido subjetivo trazido por González Rey:

As emoções que se integram no espaço simbólico de um valor moral são decisivas no sentido subjetivo que ele terá para o sujeito e constituem um aspecto central da capacidade da pessoa para se conduzir de acordo com esse valor, para desenvolver posições carregadas desse sentido subjetivo. (2006, p.37)

O autor também fala sobre o aprender que não é somente definido por operações lógicas e deve ser feito de forma mais investigativa e personalizada. Para que tenhamos aulas mais interessantes e que realmente façam parte do interesse e que se torne um valor para as crianças desde cedo, é imprescindível que alguns aspectos sejam observados como o fato de valorizar a bagagem – conhecimento prévio - que a criança traz de outros espaços e de como contextualizamos tudo o que está sendo ensinado do currículo ao dia-a-dia das crianças, fazendo com que o conteúdo faça sentido e faça parte da sua realidade. Outros pontos importantes são, por exemplo, a maneira como o conteúdo é abordado, se é de uma forma a estimular a motivação do sujeito ou não, se o professor oferece a segurança e ensina a criança a controlar suas emoções e sentimentos, para que ambas as partes construam um objetivo em comum, e o alcance por meio de esforços mútuos.

Quando as professoras responderam a quinta questão, sobre se a responsabilidade da integração da afetividade no processo de ensino – aprendizagem é do professor, as respostas, pela primeira vez, tomaram posições um pouco diferentes. A professora regente afirma que é sim de responsabilidade do professor a mediação do processo ensino- aprendizagem, para que haja equilíbrio na relação entre eles, já a professora de informática afirma que essa integração deve ser feita como sendo de inteira responsabilidade da escola, para que haja essa integração entre a afetividade e o processo de ensino - aprendizagem, mas também que os professores com seus recursos devem oferecer elementos necessários para a aprendizagem. Nessa questão ficou claro que as professoras são detentoras de uma base favorecedora na associação do currículo da escola com questões como a afetividade, sentimentos e emoções, Araújo

acrescenta que esses conteúdos devem sim ser acrescentados no currículo e nas práticas educativas como conteúdos escolares, pois:

Da mesma forma que aprendemos a somar, a escrever, a conhecer fatos históricos e o mundo em que vivemos, devemos conhecer a nós mesmos e aos demais com quem convivemos. Para atingir tal objetivo, a escola deve promover atividades sistemáticas que levem cada estudante e o coletivo da classe a tomar consciência dos próprios sentimentos, emoções e valores. (2003, p. 163)

O importante agora é que consigamos encontrar formas de organizar as práticas e os currículos escolares para atingir os objetivos propostos:

A formação da cidadania, visando a que alunos e alunas desenvolvam competências para lidar de maneira consciente, crítica, democrática e autônoma com a diversidade e o conflito de ideias, com as influências de cultura e com os sentimentos e as emoções presentes nas relações que estabelecem consigo mesmos e com o mundo a sua volta. (ARAÚJO, 2003, p. 157)

Tais medidas são necessárias para que se forme um sujeito com educação integral, onde seja possível considerar e integrar em seu cotidiano o papel dos afetos, dos sentimentos, das emoções e dos valores.

Para que seja possível entender que afetividade é essa apresentada pelas professoras em questão, foi feita uma pergunta onde o questionamento é exatamente esse: “Como você representa a afetividade”, a resposta da professora regente foi: “*a afetividade norteia e influencia no desenvolvimento da criança. O educador ajuda na construção do ser humano e isso não ocorre de forma fria, mas sim, com o envolvimento de ambos. O afeto é uma chave para que educação seja transformadora e motivadora*” e para a professora de informática: “*a afetividade para mim é atuar com a energia doce, dar a palavra amiga, o afeto, a correção, ensinar com os elementos de verdade*”.

Por muito tempo foi dada atenção e prioridade somente a cognição e para um ensino totalmente objetivo, agora isso vem mudando, já é nítido nas falas apresentadas que a afetividade – sentimentos e emoções – devem estar presentes no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, pois assim, é possível poder levar, de acordo com Arantes (2003), alunos e alunas a construir personalidades mais autônomas, justas e solidárias, a

serem mais conscientes de si e de seus próprios sentimentos, e a construir uma vida pessoal e coletiva mais feliz. Daí é necessário, que como os relatos das professoras e segundo Arantes (2003, p. 126) “(...) a necessidade de pensarmos uma escola em que os estados emocionais dos profissionais que ali trabalham sejam positivos, baseados na alegria, na felicidade e na satisfação interna, para que possam desempenhar de maneira eficiente seu papel de educadores”.

A última questão respondida pelas professoras foi a que se referia a atitudes como sendo de não afeto, e foi interessante perceber que as respostas não giraram em torno de: não beijar, não abraçar, não colocar no colo; e não que isso não seja importante, mas é que muitas das vezes as pessoas só enxergam a afetividade estritamente voltada para essas atitudes. As repostas dadas pelas educadoras foram bem além disso, englobaram a não valorização dos alunos, os rótulos, exposição desnecessária de algum aluno, a indiferença e frieza, como também o não apoio as dificuldades das crianças além de muitas vezes causar temor. Segundo Freire (2011, p. 139) “o desrespeito à educação, aos educandos, aos educadores e às educadoras corrói ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem – querer da própria prática educativa, de outra, a alegria necessária ao *quefazer* docente”, acrescenta também que não seremos melhor educadores quanto mais severos e mais frios sejamos, pois a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade.

Portanto já que afetividade desempenha um papel fundamental nas escolhas, interesses, constituição e funcionamento da inteligência faz-se urgente que todos educadores sejam conscientizados do importante papel que exercem na relação com seus alunos. As professoras entrevistadas parecem ter consciência de como suas práticas envolvendo as emoções, sentimentos a afetividade em si podem determinar necessidades e interesses em cada sujeito, podendo, dessa forma, contribuir muito ou pouco para o sucesso do seu aluno.

4.2 Observação Comparativa da Prática Docente

Apesar das respostas dos questionários apresentarem muitas semelhanças, a prática das professoras apresentam muitas discrepâncias no que diz respeito ao tema da pesquisa: AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

A seguir serão relatadas as percepções das atuações de ambas as professoras verificadas nas observações. Tais observações foram realizadas com os mesmos alunos da Educação

Infantil. Uma das docentes é a professora regente que atua diariamente com eles em diversas tarefas a outra será a professora que ministra aulas especializadas somente uma vez na semana, essas aulas se dão no laboratório de informática onde é ela quem dirige todas as atividades contando com o auxílio da professora regente e com meu auxílio – professora assistente.

O principal fato que me chamou atenção e fez com que eu começasse minhas observações sobre a atuação das duas professoras foi o comportamento apresentado pelas crianças nas duas aulas, que era muito distinto um do outro. Nas aulas diárias, apesar de ter uma rotina que muitas vezes pode se tornar cansativa eram raras às vezes em que os alunos não queriam ou diziam não estar dispostos a realizar alguma atividade. As exceções se davam quando os pais de determinada criança viajavam ou passaram por alguma cirurgia e estavam longe de casa, muitas dessas vezes a criança não se mostrava disposta a realização da tarefa quando não rasgavam ou rabiscavam seus desenhos, maquetes entre outros.

Logo que as aulas do primeiro semestre se iniciaram era nítida a empolgação que apresentavam quando tinham uma aula especializada fora da sala que todos os dias eles frequentavam. Chegava até ser um alvoroço total, pois a turma é bastante agitada, as aulas de informática, música, biblioteca e educação física eram a sensação. Acredito que a causa desse comportamento seja o fato de que nessas aulas eles vão a espaços diferentes e realizam atividades diferentes com materiais diferentes, o que faz com que eles saiam da rotina de ficarem sentados na mesa com seus cadernos e seus lápis, como fazem todos os dias.

Porém esse comportamento começou a apresentar mudanças radicais em relação à aula de informática, eles constantemente ficavam cansados em menos de meia hora de aula, queriam colo o tempo todo, e não eram dois ou três alunos e sim mais da metade da turma. Em uma aula a professora até mandou todos embora antes da metade do horário, pois não apresentaram interesse nenhum pela aula. Comecei a achar o comportamento um tanto quanto repetitivo e generalizado, investigando quais seriam as causas dessas atitudes, iniciei uma observação comparativa entre as atitudes tomadas por suas professoras do dia-a-dia e da professora de aula especializada.

Como são alunos de cinco seis anos, ainda trabalham muito com o concreto e não possuem a concentração necessária para muito tempo de exposição. Contando com isso eu e a professora regente baseamos nossa prática com muita ajuda deles, fazendo sempre com que eles trabalhem e não fiquem sentados escutando o tempo todo; mais do que isso, nunca ficávamos gritando e esperando o silêncio total, pois um aluno sempre teria um assunto inadiável para conversar com o colega do lado, para que a concorrência de conversa nunca

fosse maior, preparamos atividades contextualizadas e a apresentávamos com bastante entusiasmo, para que assim eles se sentissem mais atraídos e envolvidos pelo que estava acontecendo na aula. Esse é o primeiro ponto que pude perceber de diferença: na sala de informática, a professora não apresentava elementos que chamassem a atenção dos alunos, sempre gritava – bastante alto- e esperava infinitamente pelo silêncio total, que nunca vinha, já que quando um não estava falando ou cutucando o colega o outro começava, os que estavam calados esperando a professora começar a atividade, logo começavam a conversar, pois a atividade nunca se iniciava, aquilo se tornava um ciclo sem fim, e a paciência tanto das crianças como da professora acabavam e o prazer de estar ali na aula ia embora.

Considero como principal diferença nessa situação, o ambiente criado pelas duas professoras, enquanto uma os recebia com carinhos, sorrisos, empolgação a outra já recebia fazendo alertas do tipo: “olha o sinal vermelho”, “infantil V todo sentado” “SILÊNCIO!” e não eram constantes suas expressões de afeto com um sorriso e alegria. As respostas das crianças frente a essa situação eram sempre as mesmas: de cansaço, ombros curvados, caras desanimadas e até mesmo triste. Nessa perspectiva Wallon *apud* Galvão (2012) pondera que o significado das emoções deve ser buscado na ação sobre o meio humano e não sobre o meio físico, então no caso esclarecido acima, o ambiente da informática onde havia computadores – que na verdade despertava muita curiosidade na criança – não poderia ser a causa deles demonstrarem diversas vezes cansaço, má vontade, desânimo e tristeza. Segundo este mesmo autor, a emoções, sendo uma atividade eminentemente social, nutre-se do efeito que causa no outro, dessa forma as reações que essas emoções suscitam no ambiente funcionam com uma espécie de combustível para sua manifestação. Sendo assim, quando as crianças saem de sua sala alegres e contentes e se deparam com outro ambiente onde a professora os recebe de maneira distante, com muitas advertências – criando uma atmosfera de temor - acaba por contagiar todos os sujeitos que ali estiverem. Portanto não se sentindo bem, as crianças acabam por querer retornar ao ambiente anterior onde se sentiam mais confortáveis.

As emoções possuem um poder epidêmico que levam grupos a apresentarem atmosfera propícia para a instalação de manifestações emocionais coletivas, e segundo Galvão (2012), em se tratando de um grupo de crianças, a fertilidade do terreno é ainda maior; daí que quando a temperatura emocional se eleva, cabe ao professor encontrar meios para reduzi-la, não deixando que o descontrole emocional o atinja e sim fazendo com que sua racionalidade atinja as crianças.

Outro aspecto que pode ser trazido em relação à diferença de atuação das professoras é o observado a seguir: na sala de aula temos um projeto chamado “Patrulha do Bem” quando as

crianças se comportam bem, sem agredir os colegas, sem fugir e outras coisas, avançam casinhas e quando chegarem ao final recebem um presente que pode ser um passeio, sorvete ou o que eles preferirem. Porém são quase que nulas as vezes que todos se comportam bem, mas para que a turma não fique desestimulada em nunca andar uma casa, pois sempre uma criança não tem um bom comportamento, nós procuramos valorizar a maioria e advertir em separado a criança que teve atitudes fora do esperado. Na informática, no entanto, se 18 estiverem sem conversar, prestando atenção, ansiosos e curiosos pela atividade, mas uma única criança insiste em um comportamento desagradável, todos são penalizados por aquele comportamento. Para exemplificar, farei um relato de uma situação:

- Em um dia que tal situação voltou a ocorrer, perguntei a uma aluna, que percebi estar atenta a aula – ou as brigas – todo o momento, se ela tinha gostado da aula de informática, a resposta que veio foi: “não fizemos nada lá” e então, questionei o porquê, ela seguiu dizendo que foi por causa de algumas crianças que não estavam “elegantes”, e perguntei sobre o comportamento dela, como tinha sido, ela disse que estava sempre “elegante”, daí perguntei por que então, ela não tinha o direito de continuar a atividade e tinha que ficar como os outros que estavam conversando, ela simplesmente disse que a professora não tinha olhado para ela.

Utilizemo-nos de Galvão quando diz que:

O conhecimento das funções, das características e da dinâmica das emoções pode ser muito útil para que o educador entenda melhor situações comuns ao cotidiano escolar, tanto no sentido de conseguir um melhor envolvimento dos alunos e com ele, como no de evitar cair em circuitos perversos em que pode perder o controle da dinâmica do grupo e da sua própria atuação. (2003, p. 85)

A partir do momento em que a professora de informática não se utiliza das emoções e sentimentos manifestados pelas crianças para investigar suas causas, não consegue entender o porquê de tantos conflitos e desconfortos em suas aulas, e começa como a autora acima se refere, a cair em “circuitos perversos” e perder o controle quando manda os alunos de volta a sala antes dos horários e sem que desenvolvessem qualquer atividade, enquanto tinham crianças interessadas nas atividades.

Para Wallon *apud* Galvão (2012, p.104) a relação de antagonismo que identifica entre as manifestações das emoções e a atividade intelectual nos autoriza a concluir que quanto maior a clareza que o professor tiver dos fatores que provocam os conflitos, mais possibilidade terá de controlar a manifestação de suas reações emocionais e, em consequência, encontrar caminhos para solucioná-los. Só a reflexão que o professor pode fazer sobre suas práticas e de como elas foram recebidas no ambiente sobre seus alunos, pode provocar a redução da atmosfera emocional, pois uma atividade intelectual voltada para a compreensão das causas de uma emoção reduz seus efeitos. O professor deve aprender a lidar com o estado emotivo da criança para melhor poder estimular seu crescimento individual.

O último aspecto que trago para a comparação é a forma com que as professoras abordam seus conteúdos. A professora de informática, recebe os alunos e logo os coloca de dois em dois nos computadores com algum joguinho, às vezes são de contar quantos blocos tem em cima de uma caminhão e colocar o número, outras vezes é de montar alguma figura com formas geométricas, outras vezes de pintar paisagens compostas por figuras geométricas. A questão aqui é de que a professora não contextualiza nenhuma de suas atividades ou mesmo os avalia em seus desempenhos para perceber possíveis dificuldades. Um exemplo dessas situações é quando ela passa a atividade e não diz às crianças quais são as formas geométricas que eles estão usando; em uma dessas atividades, passei perguntando para eles se sabiam qual forma geométrica estavam usando para preencher o desenho, e muitos não sabiam ou confundiam as formas, só simplesmente utilizavam a percepção visual para ver qual figura se encaixava no espaço do desenho. Em uma dessas atividades em que era para as crianças colocarem o número correspondente à quantidade de figuras que apareciam na tela, a professora em nenhum momento contextualizou a atividade, eles nem sabiam o porquê estavam fazendo aquilo, e como já são crianças de 5 e 6 anos, possuem a habilidade de identificar os números; resultado: eles não conseguiram ficar entretidos nem por quinze minutos, e já demonstravam expressões corporais de cansaço, desânimo e muitos se levantaram de seus lugares compartilhando o sentimento de insatisfação sobre a aula. A posição da professora era de colocar os alunos nos computadores e depois sentar e se deter aos seus afazeres, quando percebia a mobilização de insatisfação entre muitos, começa a falar em um tom alto e ameaçador para que se sentassem na mesma hora, quando eles contestavam que estavam cansados ela logo respondia que então se sentassem e abaixassem a cabeça. A professora não fazia com que as crianças se envolvessem emocionalmente com o que estavam fazendo, com alegria ou interesse; somente queria com que elas fizessem a atividade da

maneira como era orientada e se não quisessem fazer não tinha problema era só abaixar a cabeça e ficar quieto.

Com a professora regente, as atividades na maioria das vezes eram contextualizadas e eles sabiam o porque estavam realizando a atividade, o que estavam aprendendo ali e até mesmo onde poderia utilizar o conhecimento adquirido. Um exemplo bem simples é de que até a apresentação que fariam para a família – apresentação final do bimestre - estava contextualizada; isso se deu da seguinte forma: eles iriam cantar uma música para sua família, e para que não somente decorassem a música e a repetissem para a família como algo mecanizado no dia da apresentação, a professora desenvolveu um trabalho antes dos ensaios, realizando várias rodinhas e trabalhos que evidenciassem a importância da família, porque iriamos homenageá-la e do que falava a letra da música que iriamos cantar. Todas as atividades eram conduzidas pela professora de forma que os envolvia emocionalmente, sempre apresentava os temas com entusiasmo e dando exemplos práticos na vida das crianças. Quando as crianças não apresentavam interesse pelo conteúdo que estava sendo trabalhado, logo a professora investigava individualmente a causa, e propunha diversas formas para que ela realizasse a tarefa da maneira dela, utilizando os elementos que ela trazia de casa, por exemplo, e explicando sempre qual era a importância dela participar da atividade.

Em uma das situações acima é fácil identificar a conexão entre as dimensões do afeto e da cognição, para Vygotsky *apud* Oliveira e Rego (2003) a vida emocional esta conectada a outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de modo geral, daí que nessa conexão o repertório cultural, as inúmeras experiências e interações com outras pessoas representam fatores imprescindíveis para a compreensão dos processos envolvidos.

As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Como já visto anteriormente para que os alunos se interessem mais e recordem seu pensamento, devemos fazer com que as atividades sejam mais emocionalmente estimuladas.

4.3 Oficina de Contação de História

Esta oficina tem como objetivo perceber nos relatos das crianças, após a contação de duas histórias que tem como protagonistas professoras com comportamentos bem distintos: uma sendo afetiva e atenciosa e a outra o oposto; se essas atitudes influenciam no modo dos

alunos gostarem da escola, conteúdo, ambiente e professor. E visa responder à problemática: A afetividade influencia a Criança no seu modo de enxergar e gostar da escola, conteúdo, ambiente e professor?

As histórias foram contadas na rodinha de recebimento das crianças, e que serve também de introdução a qualquer conteúdo ou tema que se deseja abordar a cada aula. Comecei com muito entusiasmo a contar a primeira história, para que assim eles se sentissem envolvidos na oficina; a história com que comecei – de minha autoria – e que eles no fim denominaram-na como “A professora malvada” falava sobre uma professora que acordava de mau humor e assim ia trabalhar com crianças na escola, tratando-as sempre de forma distante e até mesmo um pouco fria, no quesito de não abraçar, não beijar, não brincar junto e estar sempre gritando com seus alunos. Utilizei como recurso para contar essa história, fantoches das figuras colados em um palito de picolé, e modelando a voz a cada personagem que entrava em ação.

Durante a história, fazia alguns questionamentos sobre o que eles achavam do comportamento da professora que aqui se chamava Maltide; um deles foi sobre a questão dela ser mau humorada e de trabalhar em uma escola, todos disseram que não seria possível trabalhar na escola com mau-humor, e um dos relatos do possível porque de não poder foi: *“Por que senão ela vai brigar com as crianças, aí o diretor ou a diretora da escola vai expulsar ela.”* Perguntei então, o porque dela não poder brigar com as crianças e a resposta foi: *“Por que senão elas vão ficar chateada com ela”* outro aluno também acrescentou *“Também se você fizer isso pode ser expulso e pode levar uma multa”*. De acordo com esses relatos, a impressão que se pode ter é de que eles não acham certo que se possa ter um professor que atue de maneira mau-humorada e que se o fizer deixará seus alunos tristes e também condenam essa prática quando sugerem que um professor que haja dessa maneira pode “levar uma multa” ou “ser expulso”.

Dando continuidade a história, quando há um conflito em que um aluno quer abraçar e beijar sua professora e ela se esquivava dizendo que não faria aquilo, pergunto para as crianças o que elas acham que o menino deve estar sentindo depois da atitude da professora, e a resposta é *“triste”* e *“chateado”*, então continuo questionando-os, pergunto agora o porquê dele estar se sentindo assim e o que vem é: *“porque a professora brigou com ele”*, questiono ainda se o fato dela não querer abraçar ou beijar é entendido como brigar para eles, e todos dizem que sim, e um aluno fala demonstrando indignação *“também né! Ela é uma professora malvada”*. Na visão de todas as crianças presentes na rodinha, o fato da professora não querer abraçar ou beijar é “malvado” e que assim ela não pode ser uma professora legal. Pergunto se eles gostariam de ter uma professora igual a da história e a resposta é bem enfática que não,

também pergunto-lhes o que sentiriam se por acaso tivessem uma professora com as atitudes apresentadas na história – gritando, não participando das atividades com as crianças, sem paciência, com aversão a beijos, abraços e a dar colo - e os relatos são: “*triste porque ela é muito malvada*”, “*com o coração partido*” e “*zangado*”. Todos respondem que não, quando pergunto se iriam querer ir para uma escola e aprender coisas novas com uma professora como a da história.

Utilizemo-nos de Freire (2011) quando diz que ensinar exige querer bem aos educando, e que este querer bem significa a disponibilidade à alegria de viver, alegria que não permite transformar-se em um ser “adocicado” muito menos em um ser arestoso e amargo. Ainda de acordo com Araújo (2003, p.158) “os valores são construídos pela projeção de sentimentos positivos que o sujeito faz sobre objetos, e/ou pessoas, e/ou relações, e/ou sobre si mesmo”, aqui o valor é algo de que gostamos e que se torna alvo de projeções afetivas positivas, dessa forma imaginemos um professor que cuida, dá carinho, que abraça, que a ouve, é grande a possibilidade de que a criança projete sentimentos positivos sobre este professor e que ele se torne um valor para ela. Segundo resultados de uma análise de pesquisa feita por Arantes (2003), os estados emocionais influenciam nossos pensamentos e nossas ações tanto quanto nossas capacidades cognitivas, conclui-se assim que por isso as crianças não achariam possível ter em seu ambiente escolar um professor que as fizesse se sentir em estados emocionais perturbados – tristeza - pois assim não teriam vontade de ir a escola e aprender coisas novas. O outro e suas atitudes são muito importantes no processo de desenvolvimento da criança posto que este “outro está contribuindo no nível dos sentidos subjetivos da história de relacionamento da criança com ele/ela, e é precisamente essa condição o que privilegia a influência sobre a criança de uns e não de todos os outros que configuram seu espaço cotidiano” (GONZÁLEZ REY, 2004, p.9).

Seguido agora, com a outra história, que mostra uma professora com atitudes bem diferentes da primeira, onde ela recebe seus alunos com afetividade, cuida deles quando necessitam, brinca junto e os envolve em uma atmosfera de carinho. A história dessa vez se chama “E Essa Tal de Escola? Como Será?” dos autores Bel Linhares e Alcy, utilizei propriamente do livro que só possui imagens, fui narrando para eles com muita empolgação e priorizando as atitudes apresentadas pela professora.

Durante a história, é mostrado como a professora recebe seus alunos e aproveito para perguntá-los como gostariam de ser recebidos no colégio: “*com carinho*”, “*com um boa tarde!*”, “*com afeto*”. A história também mostra cenas em que a professora brinca com seus alunos, então questiono-os se gostam quando a professora está por perto e brinca com eles,

todos respondem que gostam e então um aluno explica: *“porque é bem melhor e se a gente machucar a ‘Matilde’ que é da outra história não vai ligar, aí essa aqui liga”*.

Quando questionados sobre gostarem ou não de ficarem no colo das professoras a resposta é: *“porque aí quando a gente machucar a gente fica no colo ou quando a gente tiver no primeiro dia a gente também pode ficar no colo”*, quando levanto a questão do que sentiriam se a professora se recusasse a dar colo eles respondem: *“muito triste”*, *“a gente teria que voltar pra casa”*, *“sem afeto”*. Quando eles dizem que não iriam querer voltar para escola, pergunto o porquê, e uma aluna responde *“porque ai não ia ter professora”* não entendendo a resposta dela, contesto: *“iria ter sim!”* e ela logo refuta dizendo: *“é mais seria uma Matilde”*.

Ao fim da história pergunto de qual professora eles gostaram mais e a resposta que mais me chama atenção é: *“da professora colo”*, pergunto então o porquê de preferirem aquela professora e não a outra eles dizem: *“porque ela é mais boazinha”*, *“carinhosa”*. Por fim pergunto como gostariam que suas professoras fossem e dizem: *“com afeto”*, *“com sorriso e com um beijo”*, *“com amor”*.

Por meio dos relatos sobre as duas histórias que apresentavam professoras com comportamentos bastante distintos conclui-se que as crianças consideram até mesmo errado um comportamento que não seja afetivo, amoroso ou carinhoso, pois são nesses aspectos que elas se sentem seguras para que outros sejam desenvolvidos, como: o conteúdo, a brincadeira, a atividade e até mesmo o fato de ir para a escola. Whitebread (2010, p.254) traz-nos que os apegos emocionais seguros na criança pequena estão associados a vários resultados emocionais, sociais e cognitivos positivos e acrescenta que *“essa segurança emocional é o produto de relacionamentos iniciais emocionalmente carinhosos, sensíveis e previsíveis”*. E para que os educadores possam fornecer afeição e segurança emocional, o autor acima destaca que devem:

- Ser um modelo de autorregulação emocional, conversando sobre as próprias dificuldades com as crianças;
- Mostrar que apreciam o esforço tanto quanto o produto;
- Demonstrar interesse pelas crianças como pessoas, e compartilhar com elas aspectos de sua vida pessoal;
- Negociar com as crianças estruturas de comportamento que sejam vistas como justas e apoiadoras. (WHITEBREAD, 2010, p. 254-255)

Destarte é imprescindível que usemos dos sentimentos, emoções e afetividade para

um melhor relacionamento e ensino-aprendizagem dentro de sala de aula, considerando nossos alunos como sujeitos compostos por diversas dimensões e complexidade de sua organização subjetiva, “pois os sentidos subjetivos que vão se desenvolvendo na aprendizagem são inseparáveis da complexidade da subjetividade do sujeito” (GONZÁLEZ REY, 2006, p.34).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho, pode-se conhecer um pouco mais sobre as especificidades das crianças de Educação Infantil. Com os objetivos específicos alcançados, pode-se conhecer um pouco da história da Educação Infantil no Brasil, o que nos proporciona refletir sobre vários de seus aspectos na atualidade. Paralelo a esta evolução e desenvolvimento da pré-escola está o conhecimento sobre as características da infância, que foram abordadas em uma linha de evolução, desde quando não se tinha noção da diferença entre adultos e crianças, até hoje, onde muitas são as pesquisas que mostram cada vez mais, o aprofundamento do conhecimento sobre a infância, suas necessidades e peculiaridades.

Relacionado a todo esse desenvolvimento de saberes, a afetividade é trazida em um contexto histórico – cultural e explicitada de forma a se fazer entender qual sua importância e como deve ser utilizada na relação de ensino - aprendizagem.

Destarte, considero que o objetivo do trabalho foi alcançado, com sua abordagem teórica servindo de base para a pesquisa que envolveu diretamente a atuação e posicionamento dos alunos e professoras sobre a afetividade dentro do espaço escolar.

Com a realização dos estudos aqui apresentados e sua culminância nas análises da pesquisa, pude refletir sobre como de fato, as emoções e sentimentos são de fundamental importância na relação de ensino - aprendizagem. De como devem ser efetivamente, trabalhados por professores, principalmente da Educação Infantil, com o objetivo de promover estímulos e envolvimento das crianças dentro de um ambiente afetivo, para que assim, sintam-se seguras e amparadas em seus processos de desenvolvimento.

Também com o posicionamento das crianças apresentado na pesquisa, pude perceber a importância de ouvi-las e considerá-las em seu próprio processo de aprendizagem, para que, nós, como educadores, possamos promover relações e aprendizagens cada vez mais significativas na vida de nossos educandos.

Concluindo, neste trabalho foi possível identificar a importância da afetividade para uma melhor aprendizagem, fazendo com que as crianças sintam-se mais seguras na sua relação com o aprender, em seus relacionamentos e no seu desenvolvimento. A maneira afetiva do ensinar do professor estabelece um relacionamento que influencia na capacidade cognitiva, social e emocional da criança.

PARTE III
PERSPECTIVA PROFISSIONAL

PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Ao iniciar o curso de Pedagogia já entendia a importância da minha atuação como professora e possível transformadora de realidades. Porém, por muito tempo ignorei tal responsabilidade, visando apenas cursar meu ensino superior e ingressar no serviço público, para obter uma estabilidade.

No entanto, no decorrer do curso, fui confrontada diversas vezes como Pedagoga que não pretende reproduzir práticas tradicionais de ensino, a partir daí comecei a refletir cada vez mais sobre conteúdos, sobre práticas e sobre mudanças. Quando, então, comecei a atuar na Educação, mais incomodada fiquei, vendo somente escolas e profissionais interessados meramente na reprodução de conteúdos e levando em consideração somente os aspectos cognitivos das crianças. Diante de todas essas situações, comecei a apreender o máximo de conteúdos que a Universidade me proporcionava como base para uma Educação libertadora e que forma realmente cidadãos conscientes de si e do que se passa a sua volta, cidadãos questionadores e reflexivos, cidadãos participantes e atuantes em seus processos de ensino - aprendizagem. Com toda essa bagagem, dei-me o direito de interferir na prática das salas de aula em que atuei e atuo, propondo atividades que considerassem as crianças como sujeitos atravessados por diversas dimensões: afetivas, cognitivas, entre outras; que levassem em consideração seus saberes anteriores, que contextualizasse e respeitasse todos os alunos em suas respectivas realidades e particularidades.

Finalmente, agora, chegando bem perto de conseguir minha habilitação como Pedagoga,, não penso mais como antes, pretendo sim prestar concurso, mas na minha área e prioritariamente para atuação dentro de sala de aula, pois creio que o máximo que eu puder partilhar com meus futuros educandos, ensinando e aprendendo, valerá para a formação, tanto minha quanto deles, de sujeitos atuantes na melhoria da nossa sociedade.

Em relação a minha formação, não pretendo deixar de estudar nem ao menos um semestre, para melhorar e acrescentar em minha atuação. Por enquanto, essa é a certeza que tenho, mas ainda não decidi se cursarei uma pós-graduação ou outra graduação, a pretensão que tenho é a de querer trabalhar para melhorar cada vez mais a educação e a formação dos novos cidadãos.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria Amorin (org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003, 237 p.

ARIÈS, Philippe [1914 – 1984]. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LCT, 2011.

BORBA, V. R. S.; SPAZZIANI, M, L.; Afetividade no contexto da Educação Infantil. Ribeirão Preto, 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/gt07-3476--int.pdf>>. Acesso em: 27 de abril de 2013.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 7 .ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara. 2010, 225p. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/785/estatuto_crianca_adolescente_7ed.pdf>. Acesso em 4 de maio de 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998, 103 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em: 4 de maio de 2013.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade para a Educação Infantil**. v.1. Brasília, DF. 2008, 64 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf>>. Acesso em 5 de maio de 2013.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Infantil: Pelo direito das crianças de zero a seis anos á Educação**. Brasília: MEC, SEB, 2006, 32 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfpolit2006.pdf>>. Acesso em: 5 de maio de 2013.

CAJUEIRO, Roberta Liana Pimentel. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos: guia prático do estudante**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CORRÊA, Bianca Cristina. **Considerações sobre qualidade na Educação Infantil**. Caderno de Pesquisa, 2003, no.119, p.85-112. ISSN 0100-1574. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n119/n119a05.pdf>>. Acesso em: 20 de abril de 2013.

FERREIRA, Aurélio Albuquerque de Holanda. **Mini Aurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. 7 ed. Curitiba: Editora Positivo, 2008. 896 p.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2012. 99p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008, 200 p. Disponível em: <http://www.moodle.ufba.br/file.php/12618/Livro_Antonio_Carlos_Gil.pdf>. Acesso em 1 de junho de 2013.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 21. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GONZÁLEZ REY, Fernando. O sujeito, a subjetividade e o outro na dialética complexa do desenvolvimento humano. *In*: SIMÃO, L.M; ALBERTINA, M.M (org.). **O outro no desenvolvimento humano**. São Paulo: Thomson, 2004. p. 1- 27.

GONZÁLEZ REY, Fernando. O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. *In*: TACCA, M. C. V. R. **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Ed. Átomo e Alínea, 2006. p. 29- 44.

KOHAN, Walter Omar. Infância e filosofia. *In*: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Org.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis:

Vozes, 2008. P. 40-61.

KRUEGER, Magrit Froehlich. **A relevância da afetividade na educação infantil.**

Instituto Catarinense de Pós-Graduação. Disponível em: <
<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev03-04.pdf>>. Acesso em: 27 de abril de 2013.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e Educação Infantil:** uma abordagem histórica. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. 192 p.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. Histórias da Educação Infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.14, mai/jan/jul/ago 2000. Disponível em: <
http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE14/RBDE14_03_MOYSES_KUHLMANN_JR.pdf>. Acesso em 18 de maio de 2013.

MOYLES, Janet (org). **Fundamentos da Educação Infantil:** enfrentando o desafio. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2010. 320 p.

MÜLLER, Fernanda (org.) Infância em perspectiva: políticas, pesquisa e instituições. São Paulo: Cortês, 2010.

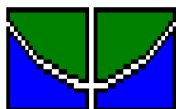
REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky:** uma perspectiva histórico- cultural da educação. 23.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M.; GOUVEA, M. C. S. (Org.) **Estudos da Infância:** educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 17 – 39.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. 138p.

SOUZA, Gizele de. (org.). **Educar na Infância:** perspectivas histórico- sociais. São Paulo: Contexto, 2010.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____, RG, _____,

CPF: _____ autorizo a pesquisadora **Alana Souza Luz**, estudante da Universidade de Brasília do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, cujo projeto de pesquisa é denominado “AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL”, sob orientação da Profa. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, a utilizar-se das informações obtidas no Questionário, do qual participo, obedecendo aos critérios da ética de pesquisa, onde **está assegurado o total anonimato**.

Declaro me ciente e concordo com o acima exposto.

Assinatura do Participante

_____/_____/_____
Data

Caso deseje obter o resultado da pesquisa: “Afetividade na Educação Infantil”, por favor, entrar em contato pelo meu e-mail a partir de janeiro de 2013 .
alanaunb@gmail.com

Agradeço antecipadamente,
Alana Souza Luz

ANEXO B – QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELAS PROFESSORAS

PROF 1 – professora regente

PROF 2 – professora de informática

1- Como professora da Educação Infantil, qual a importância você atribui a essa educação na infância?

PROF 1 = A Educação Infantil é de primordial importância para o desenvolvimento das crianças. É nessa fase da vida que a criança adquire formação que a acompanhará por toda a vida. É na Educação Infantil que a criança desenvolve habilidades, se socializa e adquire os conhecimentos necessários para as demais fases escolares.

PROF 2= Vejo que é nas primeiras idades da criança que os conhecimentos, principalmente os valores de vida, se instalaram de forma natural na mente, criando aí as características que formarão o conceito daquele ser na vida adulta.

A Educação Infantil é a base do aprendizado físico, mental e social da criança.

2- Quais características você considera como sendo de grande importância e indispensáveis a um professor de ed. Infantil?

PROF 1 = Paciência, gostar de estar com as crianças, ser carinhoso, observador, ser firme nos momentos necessários e afetivo nos demais, saber se adaptar à linguagem das crianças, responsável e comprometido.

PROF 2= “A mente da criança é terra virgem e fértil tudo o que nela plantar, florescerá” Carlos Bernardo Gonzales Pecotche, e com essa afirmação compreendo que um professor da Educação Infantil deve ser amoroso, paciente, constante e criativo para poder estimular seus pequenos alunos a crescerem e se desenvolverem com aptidão de suas faculdades mentais; sem temor.

3- Como você percebe a questão da afetividade dentro de sala de aula, na relação professor - aluno?

PROF 1: O afeto deve ser cultivado, pois a criança da Educação Infantil precisa se sentir acolhida, bem e a vontade no ambiente escolar para se desenvolver com alegria e de forma natural.

PROF 2: percebo que a afetividade na relação professor/ aluno favorece a aprendizagem e ao cultivo de bons exemplos, pois a via sensível cria um ponte de ligação nesta relação; e na Educação Infantil desarma e aconchega o aluno, neste ambiente tão novo e hostil para a criança.

4- É possível que a afetividade influencie o ambiente, o conteúdo e o interesse do aluno?
Como?

PROF 1= Se o aluno se sente bem no ambiente escolar, se o professor demonstra interesse por aquilo que ele traz sobre outros lugares que frequenta e sente segurança em relação ao professor, ele se desenvolve melhor, sem travas, receios de errar e ser criticado.

A maneira como o professor ensina, pode estimular o aluno a querer aprender mais, melhorar alguma forma de se comportar que não esteja adequada e se desenvolver de forma integral.

PROF 2= a afetividade influencia muito na adaptação, na formação do ambiente, na fixação do conteúdo e na vontade de aprender pois cria estímulos internos na criança, que vê o docente como uma vitrine de que pretende ser.

5- Em sua opinião é de responsabilidade do professor integrar a afetividade no processo de ensino-aprendizagem ? Por quê?

PROF 1= Sim, na relação professor-aluno precisa haver um equilíbrio e cabe ao professor como mediador do processo ensino - aprendizagem, saber conduzir suas atuações para que realmente ocorra esse equilíbrio em sala de aula.

PROF 2= Não. É de inteira responsabilidade da escola em integrar a afetividade no processo de ensino, pois deve ser um esforço coletivo para favorecer os elementos necessários para a aprendizagem. Professor com seus recursos, coordenação com apoio no conteúdo, serviço de orientação com apoio na forma, tudo para favorecer o aprendiz.

6- Como você representa a afetividade?

PROF 1= A afetividade norteia e influencia no desenvolvimento da criança. O educador ajuda na construção do ser humano e isso não ocorre de forma fria, mas sim, com o envolvimento de ambos. O afeto é uma chave para que educação seja transformadora e motivadora.

PROF 2 = a afetividade para mim é atuar com a energia doce, dar a palavra amiga, o afeto,

a correção, ensinar com os elementos de verdade.

7- Quais atitudes você considera como sendo de não afeto?

PROF 1 = Não valorizar as boas ações dos alunos, rotular uma turma, colocar um aluno problema na frente dos demais e por isso culpar a todos, tratar o aluno com frieza e indiferença, ver sua profissão como forma de ganhar dinheiro apenas e não identificar que lidamos diariamente com seres humanos, de individualidades diferentes, com necessidades e interesses.

PROF 2 = atitudes não afetuosas é deixar a sem respostas, inculcar o temor, não dar o apoio frente a as dificuldades da criança, ignorá-la em suas limitações.

ANEXO C – HISTÓRIA QUE ILUSTRA UM PROFESSOR NÃO AFETUOSO

Historia sobre um Professor não muito afetuoso:

“A professora malvada” – nome dado pelas crianças

Autora: Alana Souza Luz

Em um dia muito ensolarado...Matilda acordou, como sempre muito mal humorada, zangada ate e ninguém entendia o porquê. O sol estava lá, muito radiante, iluminando uma manhã muito agradável, mas ela não estava nem um pouquinho satisfeita:

- MAS QUE COISA!! QUE SOL ARREGALADO É ESSE? PARA QUE TUDO ISSO? AIII ESTOU ATRASADA, TENHO QUE IR PARA ESCOLA DAR AULA PARA AQUELE TANTO DE CRIANÇA...

Ninguém entendia o que o Matilda queria, quando esta chovendo ela queria sol, quando o sol vinha ela reclamava. E assim, ela foi indo para o seu trabalho, e adivinhem onde ela trabalhava? *Pedir que as crianças participem*. Isso mesmo em uma escola!!! Imagina!! Será que dá pra ir para uma escola com tanto mal humor?? *Ouvir as respostas*.

A Matilda era professora de crianças de 4 e 5 anos, mas ela não tinha muita paciência na sala e também não tinha muito carinho. Chegando na escola ela viu todas aquelas lindas crianças, mas a Matilde mesmo não as achava tão lindas assim não e logo ia dizendo:

- CRIANÇADA TODO MUNDO SENTADO E SEM DIZER NEM UM PIU QUE MINHA CABEÇA ESTA DOENDO!!!

E as crianças diziam:

- MAS PROFESSORAS, QUEREMOS DESENHAR, BRINCAR DE QUEBRA CABEÇA E JOGO DA MEMÓRIA.

E ela logo se apressava e dizer:

- NÃO, NÃO E NÃO!! QUERO TODO MUNDO SENTADO!!!

Então todas aquelas crianças sentaram-se em suas mesas, fazer o que? A professora ali era a Dona Matilda.

Quase na hora de tocar o sinal chega um menino todo serelepe, chamado Bento, saltitante ele entra na sala e diz:

- PROFESSORA MATILDA QUE SAUDADES!!!

E vai logo abraçando sua professora e sem que ela possa fazer nada ele pede:

- ME DÁ UM BEIJO?

A professora da um jeito de se livrar dos braços de uma maneira brusca, fecha a cara de um

jeito bem feio que ate assusta o Bento e ela fala aos berros:

- QUE ISSO MENINO? TA DOIDO? AGORA EU TENHO QUE TE DA BEIJO? DAQUI A POUCO VAI ME PEDIR PARA COLOCAR VOCÊ NO COLO! VAI SENTAR IGUAL A TODOS OS OUTROS E ESPERAR A ATIVIDADE E NÃO QUERO MAIS SABER DESSES ABRAÇOS, OUVIU BEM?

Bento sai, agora não mais tão saltitante e serelepe, e vai se sentar.

Pedir que as crianças falem um pouco sobre o que acharam da atitude dessa professora, explorando bem se eles gostariam de ter uma professora assim, se sim ou se não que expliquem o porque. Se a atitude dela foi legal, o que o menininho da historia deve ter sentido quando a professora fez aquilo. E o que eles sentiriam.

O resto do dia foi todo daquele jeito, a professora Matilde com a cara fechada e na hora do parque, quando estão todos brincando seus alunos vem e fazer um pedido a ela:

- PROFESSORA A SENHORA PODE CONTAR UMA HISTORIA PRA GENTE?

Mas a Matilde responde:

- CLARO QUE NÃO, MINHA VOZ NÃO AGUENTA FICAR GRITANDO COM VOCÊS A MANHA TODO E AINDA CONTAR HISTORIA!! E DEPOIS NÃO GOSTO DE FAZER RODINHA PRA CONTAR HISTORIA E NEM DE CRIANCINHA QUERENDO SENTAR NO MEU COLO.

As crianças acabam desistindo da ideia de ouvir uma historia e ficam olhando para o outro lado do parque onde tem uma professora diferente.

**ANEXO D – FANTOCHES UTILIZADOS PARA CONTAR A HISTÓRIA DA
PROFESSORA NÃO AFETUOSA**



Figura 1: professora Matilde

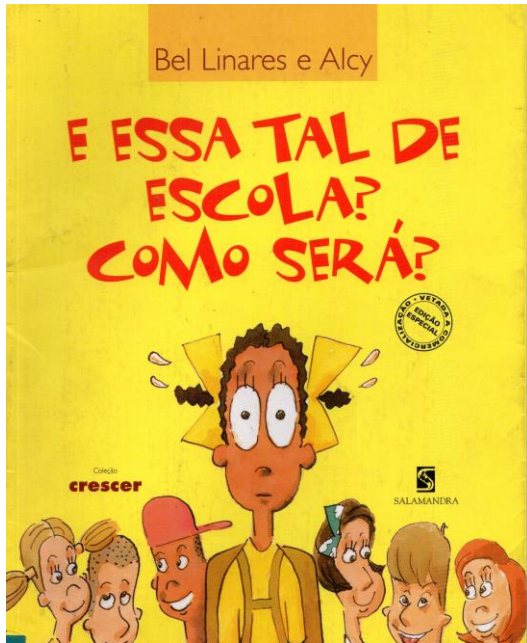


FIGURA 2: crianças antes de entrarem na sala da professora Matilde



FIGURA 3: crianças depois de entrarem na sala com a professora Matilde

ANEXO D – HISTÓRIA QUE ILUSTRA UMA PROFESSORA AFETUOSA



© Bel Linhares, 2004
 Ilustrações © Aicy Linhares, 2004

Coordenação editorial
 Lenice Bueno da Silva

Assistência editorial
 Ana Lucia Santos

Projeto gráfico
 Aicy Linhares

Coordenação de tratamento de imagens
 Américo Jesus

Tratamento de imagens
 Fábio N. Precedo

Impressão
 Yangraf

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Linhares, Bel e Aicy
 E essa tal de escola? Como será? / Bel e Aicy
 Linhares ; ilustrações de Aicy Linhares.
 São Paulo : Salamandra, 2005. — (Coleção Crescer)

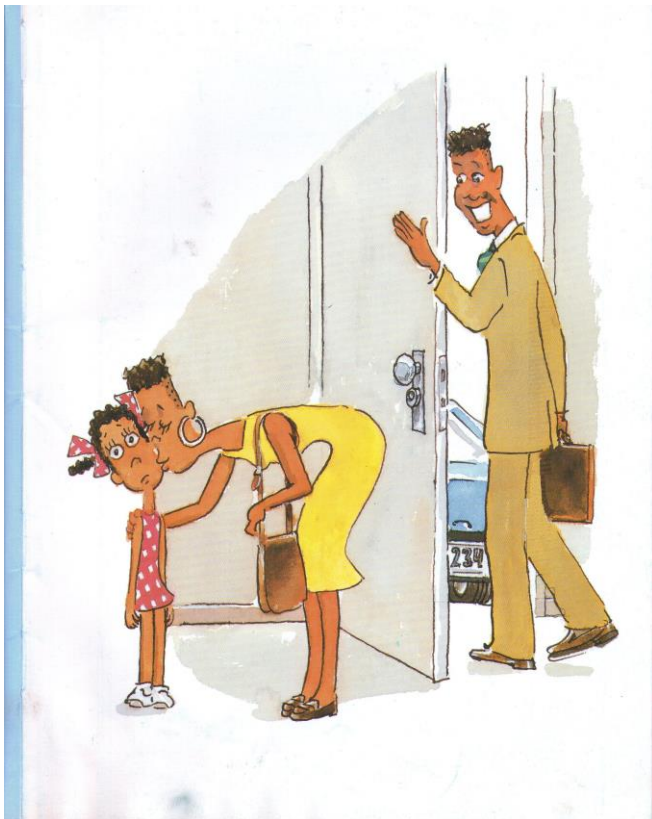
I. Escolas 2. Literatura infanto-juvenil
 3. Livros ilustrados para crianças I. Linhares,
 Aicy II. Trúlio, III. Série.

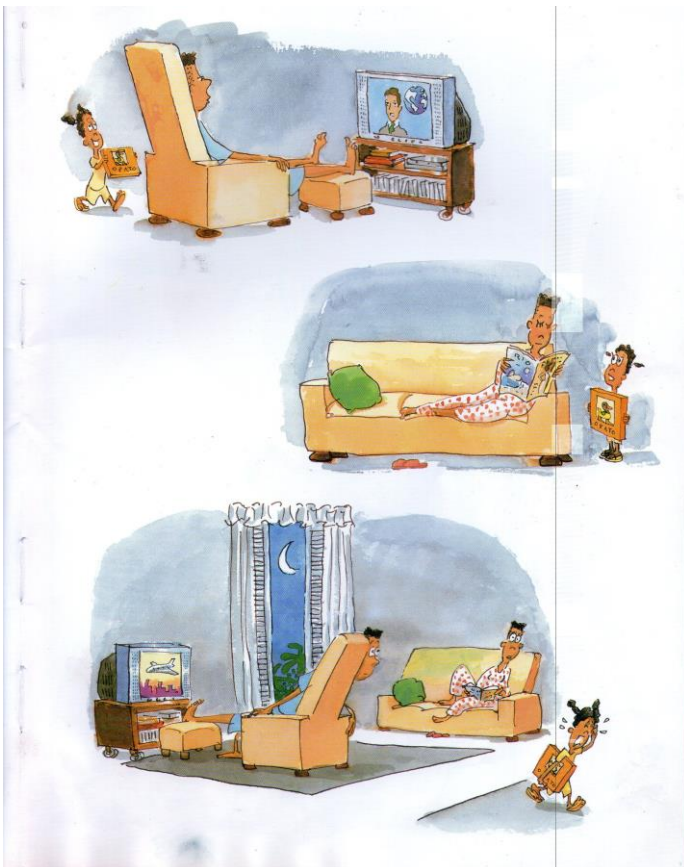
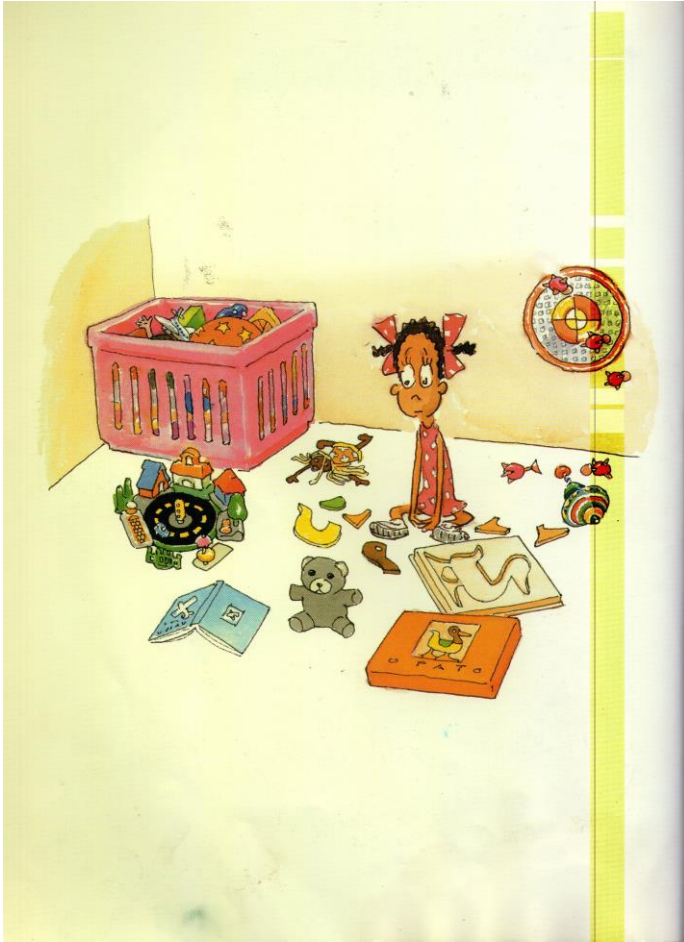
05-4740

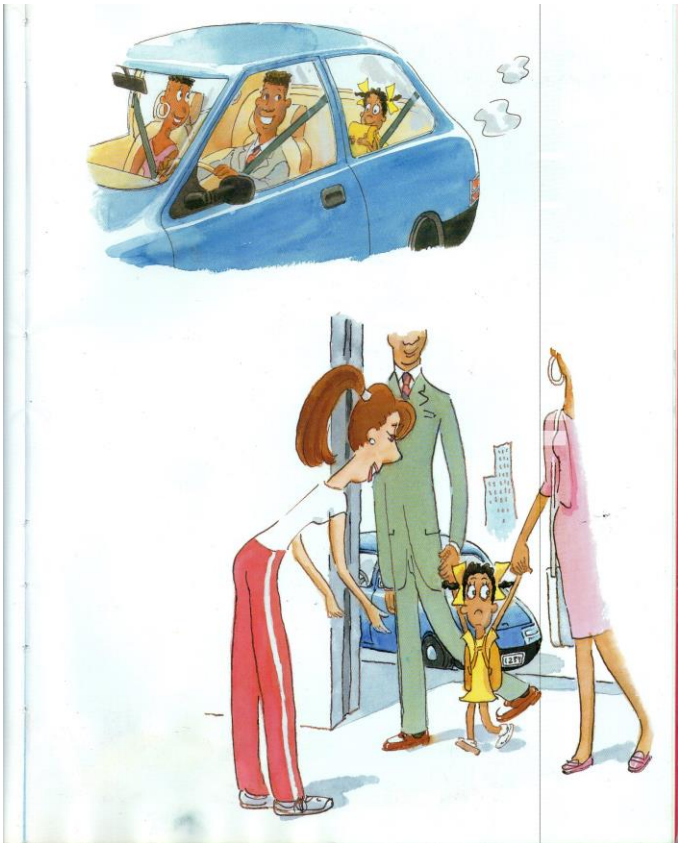
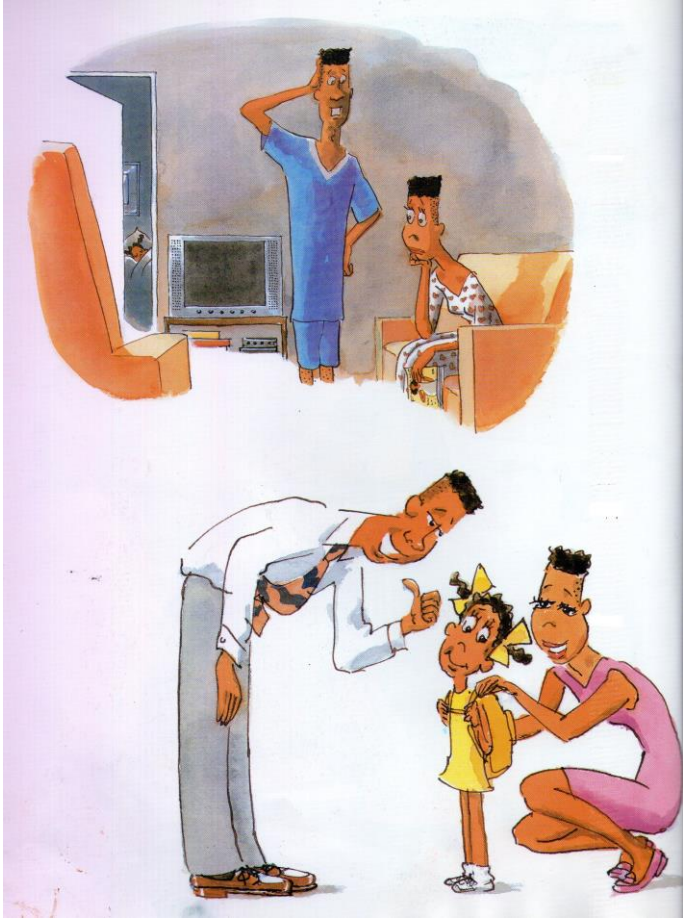
CDD-741.642

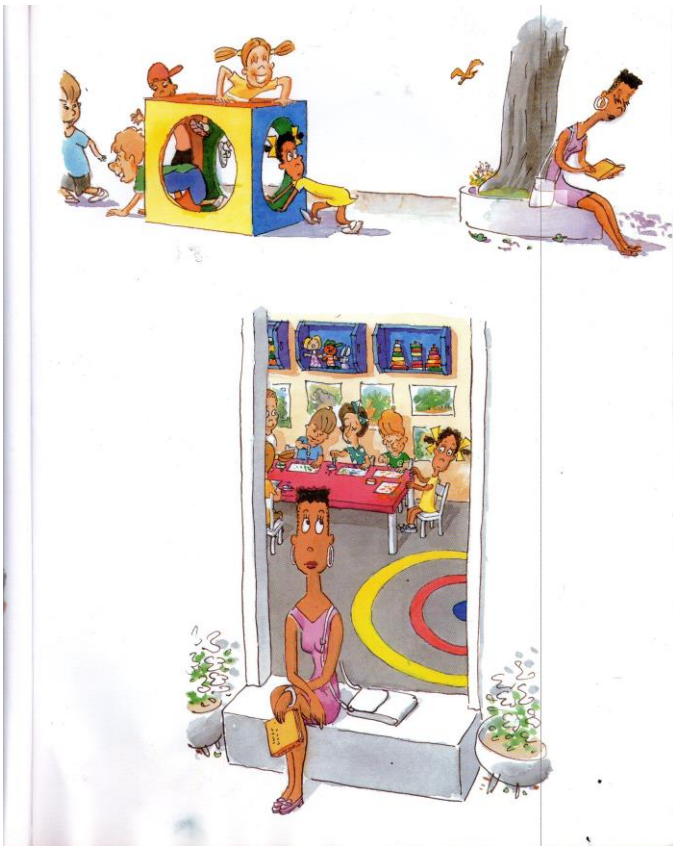
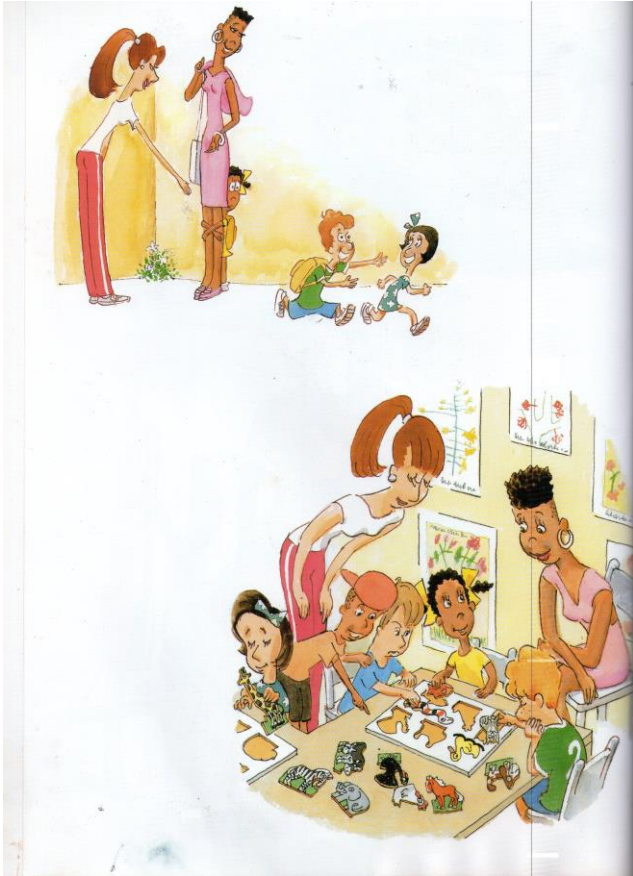
Índices para catálogo sistemático:
 I. Livros infantis ilustrados 741.642

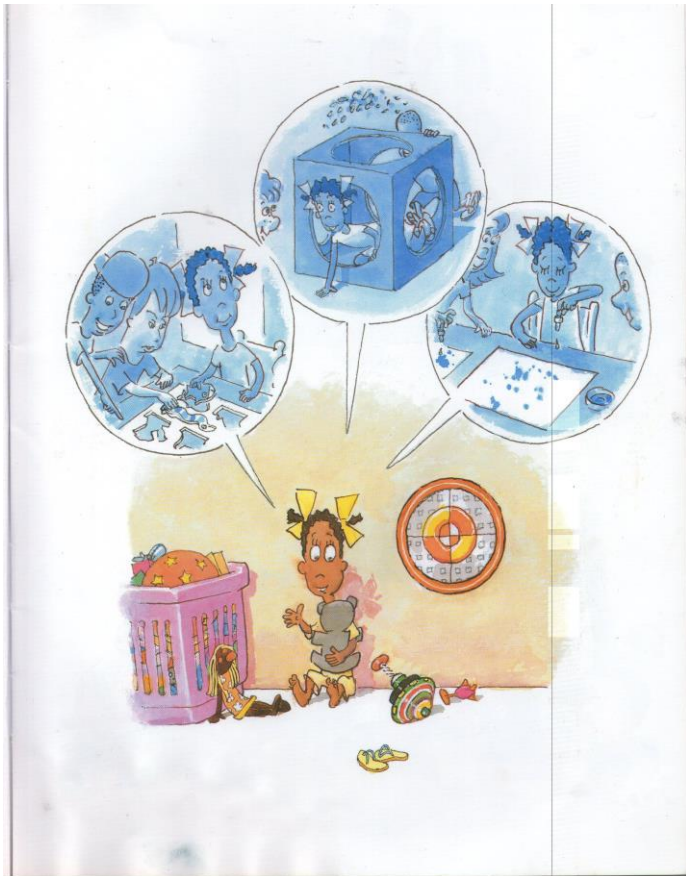
Todos os direitos reservados com exclusividade por
 Editora Moderna Ltda.
 Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
 São Paulo - SP - CEP 01333-904
 Vendas e atendimento Tel: (0__11) 6090 1500
 www.moderna.com.br
 Brasil, 2005

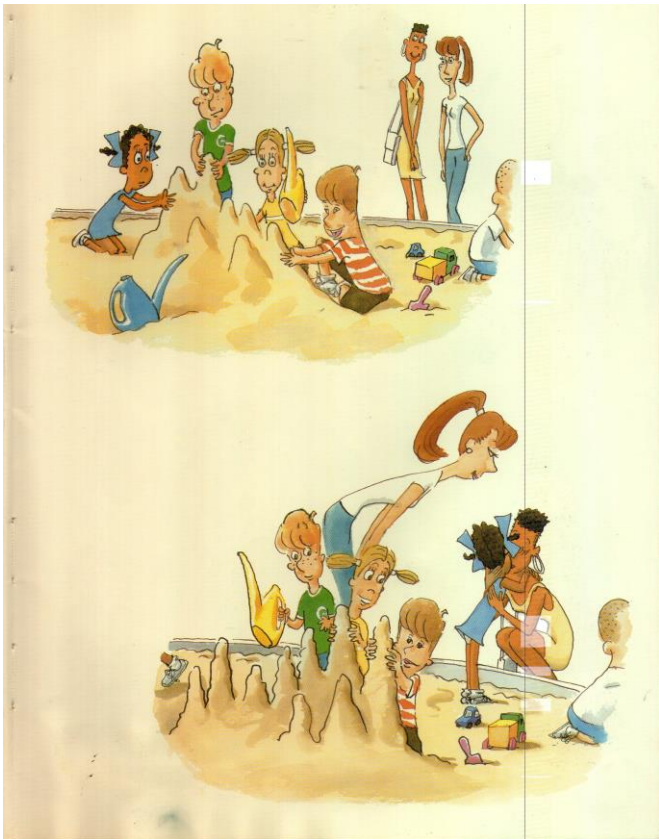


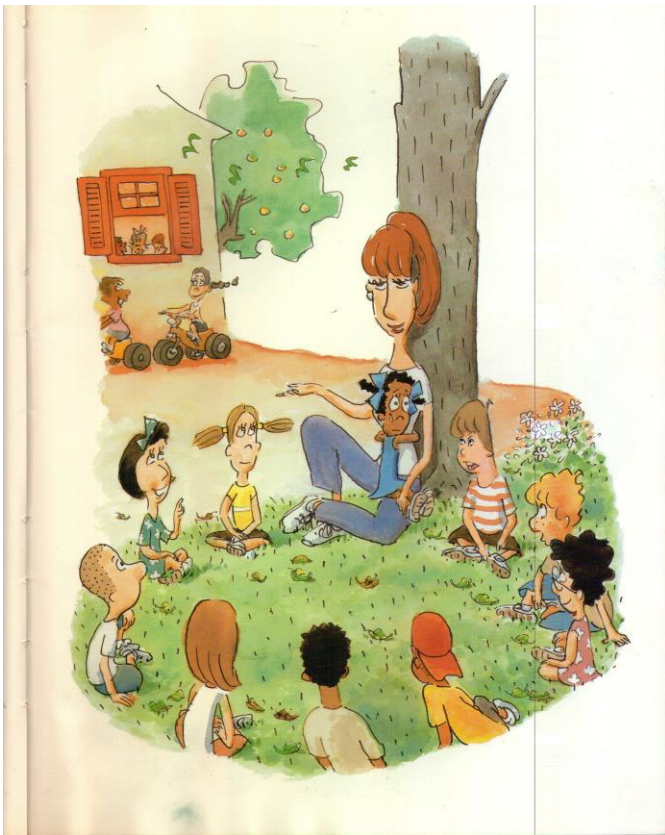
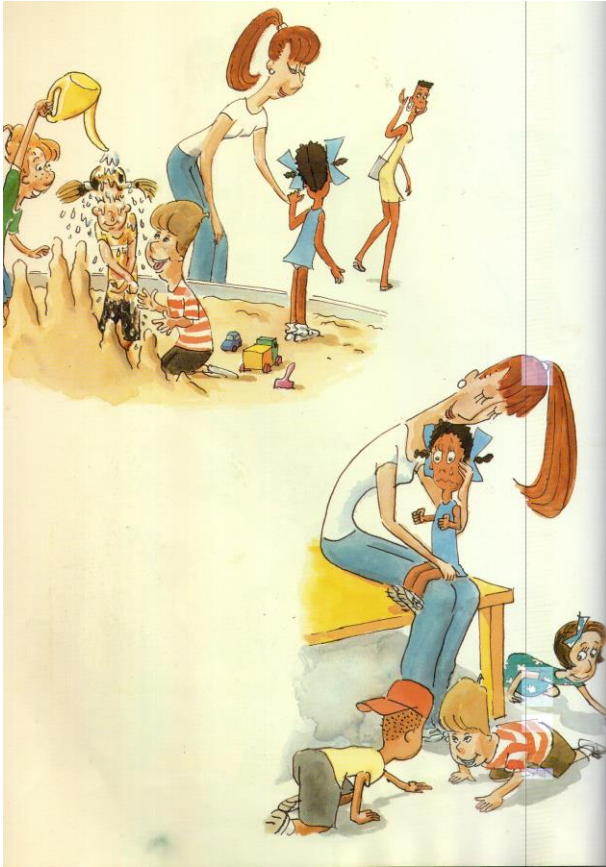


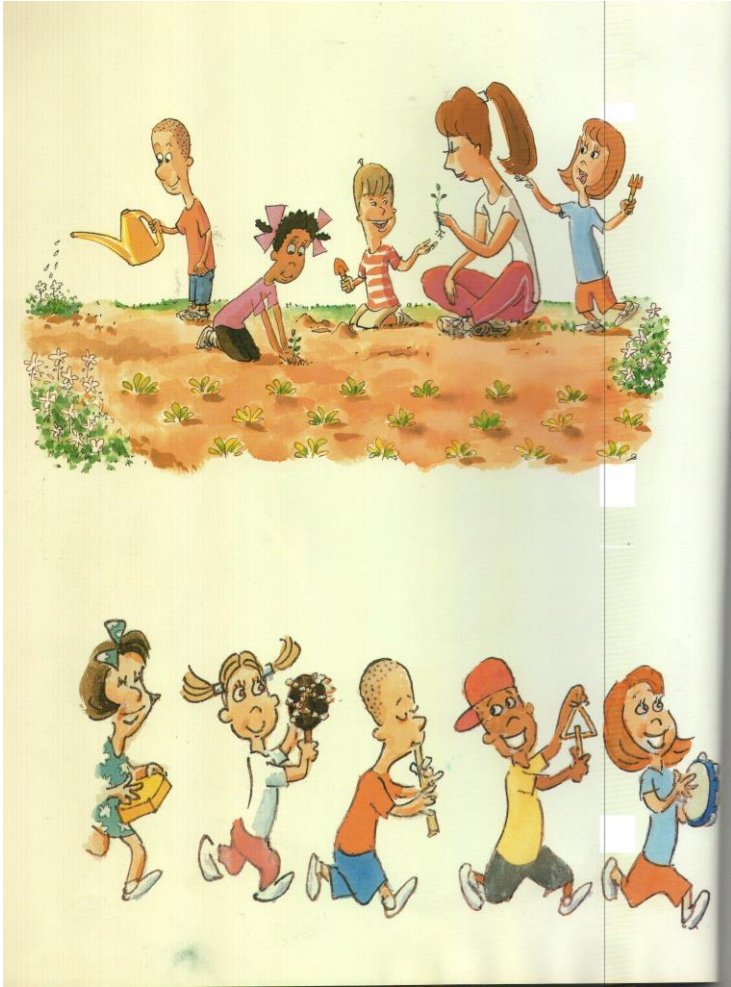


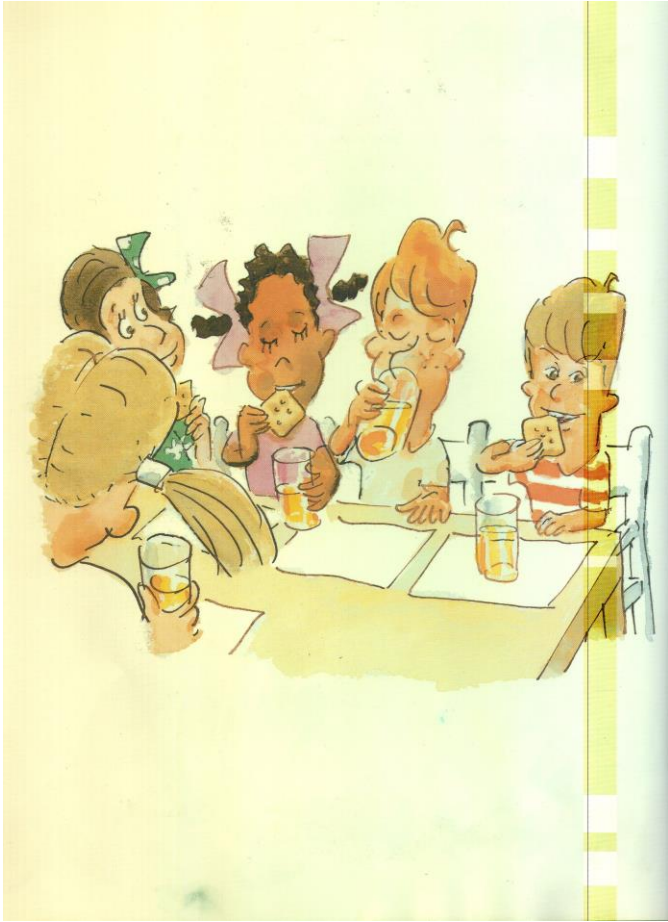


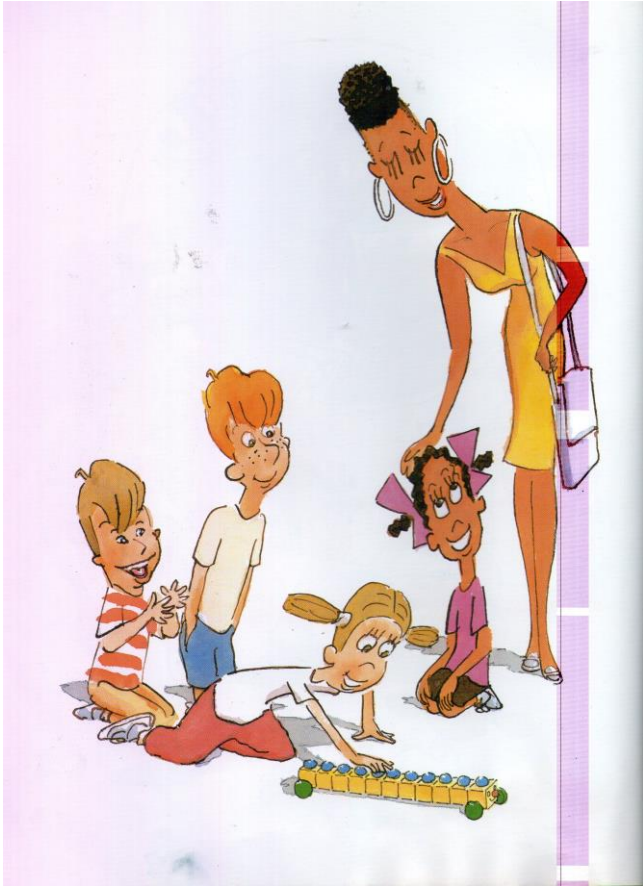


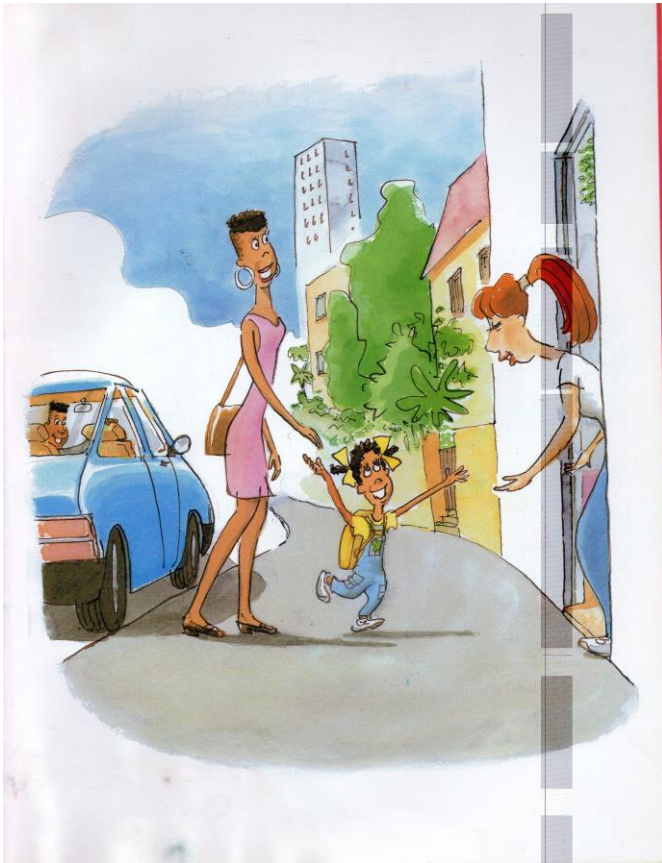
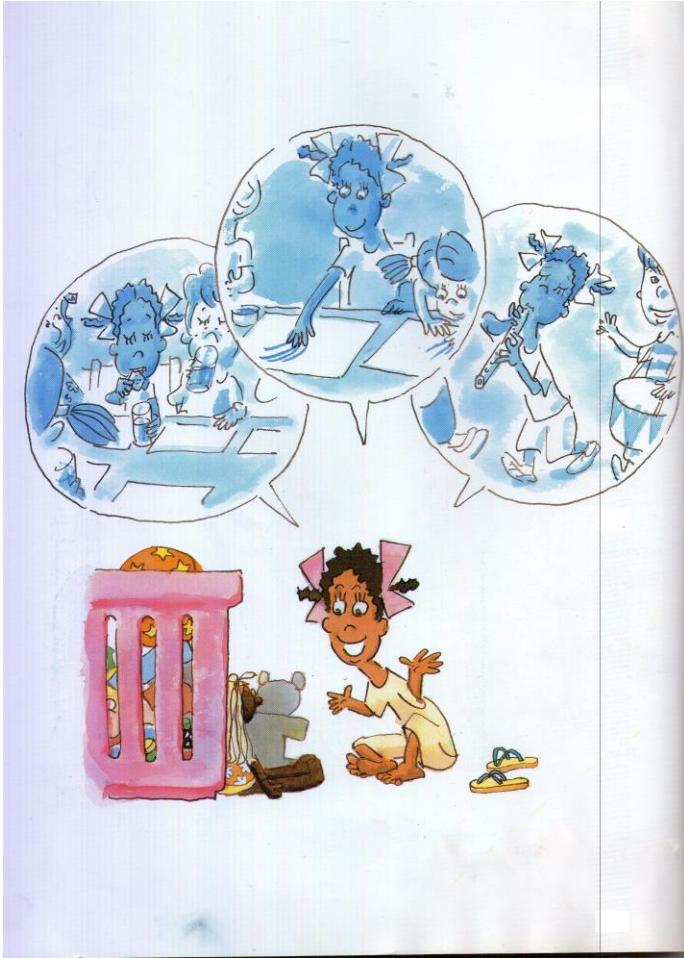


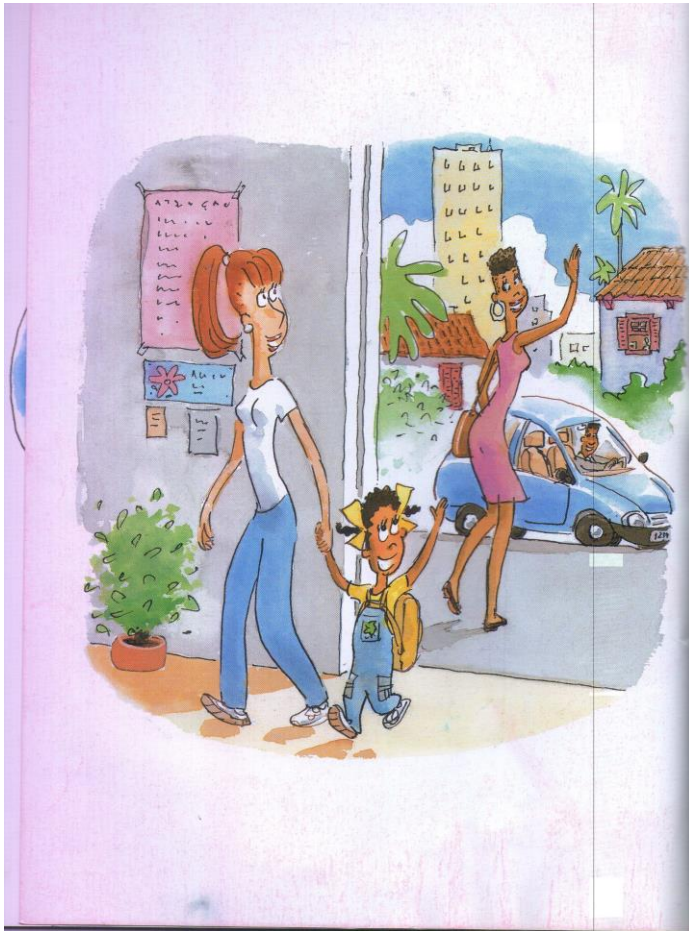











Como lidar com momentos difíceis na educação de uma criança? Como ajudá-la a compreender seus sentimentos diante de situações que a deixam em conflito? Como lidar com birras? Como fazer o filho entender que o amor?

Todo processo de crescimento envolve momentos de crise, nos quais é natural que perguntas como essas venham à tona. Nesses momentos, a ajuda externa, que às vezes chega de maneira surpreendentemente simples, pode diminuir a importância e intensidade dos problemas.

Nos mais de 30 anos em que vem trabalhando com a educação infantil e a pré-escola, grande parte dos quais como psicóloga e diretora da escola Recreio, em São Paulo, **Bel Linares** acumulou experiência em lidar com situações que geram dúvidas, ansiedades e inseguranças em crianças e adultos. Daí nasceu a ideia de criar a coleção **Crescer**, em que são tratados temas relevantes para o desenvolvimento infantil.


Para criar as histórias sem texto que compõem a coleção, ela contou com a colaboração experiente de **Alicy**, ilustrador e autor de livros para crianças e jovens.

Alicy e Bel, que são casados, juntaram suas vivências para desenvolver também uma parceria profissional. E o resultado são livros de imagens para leitura compartilhada por crianças e adultos, em que se unem divertimento e reflexão.


CONHEÇA TAMBÉM, NA COLEÇÃO CRESCER:

E agora? Vão tomar o meu lugar? (vai chegar um irmãozinho)
O dia em que eu fiquei sabendo (sobre adoção)
Papai e mamãe estão se separando!

ISBN 85-16-04825-X



9 788516 048259



SALAMANDRA